



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS – UFT
CAMPUS DE PORTO NACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
LINHA DE PESQUISA: LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS**

CRISTIANO PIMENTEL CRUZ



**GÍRIAS NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA:
PROCESSOS DE CRIAÇÃO E CONTEXTOS DE USO**

PORTO NACIONAL-TO

2020

CRISTIANO PIMENTEL CRUZ

**GÍRIAS NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA:
PROCESSOS DE CRIAÇÃO E CONTEXTOS DE USO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos

Linha de Pesquisa: Língua Brasileira de Sinais

Orientadora: Profa. Dra. Karylleila dos Santos Andrade.
Co-orientador: Prof. Dr. Bruno Gonçalves Carneiro.

PORTO NACIONAL-TO

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

C957g Cruz, Cristiano Pimentel Cruz.
GÍRIAS NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA: PROCESSOS DE CRIAÇÃO E CONTEXTOS DE USO . / Cristiano Pimentel Cruz Cruz. – Porto Nacional, TO, 2020.
116 f.
Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Letras, 2020.
Orientadora : Profa. Dra. Karylleila dos Santos Andrade Andrade
Coorientador: Prof. Dr. Bruno Gonçalves Cameiro Cameiro
1. Gíria. 2. Cultura Surda. 3. Resistencia . 4. Vocabulário de grupo. I. Título

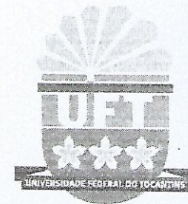
CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS-PPG-Letras

Jd. dos Ipês, Rua 03, S/N | 77500-000 | Porto Nacional/TO
(63) 3363-9466 | www.uft.edu.br/ppgletras | ppgletrasporto1@uft.edu.br



ATA Nº 11/2020 DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Aos 15 dias do mês de abril de 2020, às 14h, na Universidade Federal do Tocantins – TO, reuniu-se a banca examinadora, composta pela Prof.^a Dra. Karylleila dos Santos Andrade (PPGL - UFT), presidente da banca e orientadora da dissertação, pelo coorientador Prof. Dr. Bruno Gonçalves Carneiro (PPGL - UFT), pelo Prof. Dr. Carlos Roberto Ludwig (PPGL – UFT), e pelo Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa (UFAC). A banca foi realizada por videoconferência. A banca avaliou a Dissertação de Mestrado de **Cristiano Pimentel Cruz**, intitulada **GÍRIAS NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA: PROCESSOS DE CRIAÇÃO E CONTEXTOS DE USO**. Após o início dos trabalhos da banca de defesa, o mestrando teve vinte minutos para apresentar sua pesquisa. Em seguida, cada arguidor da banca teve trinta minutos para arguição, seguidos de dez minutos de defesa do mestrando. Após a arguição e julgamento, a dissertação de mestrado foi **APROVADO** pela banca. O mestrando deverá realizar os ajustes do trabalho com a anuência do orientador. Deverá entregar 2 cópias impressas e 1 cópia em PDF em CD da dissertação de mestrado na Secretaria do PPG-Letras.

Porto Nacional, 15 de abril de 2020.

Banca Examinadora:

Prof.ª Dra. Karylleila dos Santos Andrade – PPG-Letras/UFT (Orientadora)

Prof. Dr. Bruno Gonçalves Carneiro - PPG-Letras/UFT (Coorientador)

Prof. Dr. Carlos Roberto Ludwig - PPG-Letras/UFT (Avaliador interno)

Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa - UFAc (Avaliador externo)

Dedico este trabalho aos Surdos.

AGRADECIMENTOS

A presente dissertação de mestrado não poderia chegar a um bom porto sem o precioso apoio de várias pessoas. Agradeço a Deus, por sempre colocar pessoas maravilhosas em meu caminho, as quais me fazem acreditar em um mundo melhor e me encorajam a prosseguir. Obrigado por nunca soltar a minha mão e me guiar em todos os momentos.

Em primeiro lugar, não posso deixar de agradecer a minha orientadora, Profa. Dra. Karylleila dos Santos Andrade, por toda a paciência, empenho e sentido prático com que sempre me conduziu durante este trabalho. Muito obrigado por me ter orientado e corrigido, quando necessário, sem nunca me desmotivar. Agradeço também a todos os professores com os quais realizei cursos e seminários, durante o mestrado.

Quero agradecer a minha família e amigos pelo apoio incondicional que me deram, especialmente aos meus pais, pelas revisões incansáveis ao longo da elaboração deste trabalho. Aos meus pais, Marcondes e Cristina, que nunca mediram esforços para me ensinar o caminho do bem, e sempre me apoiaram em todas as etapas da minha vida. Sem vocês, eu não chegaria até aqui. Muito obrigado por tudo! O amor que sinto por vocês é incondicional.

A minha família, sinônimo de amor e união. Obrigado por acreditar no meu sonho e sempre me motivar a seguir em frente. É muito bom saber que posso contar com vocês em todos os momentos. Minha esposa e meu filho, amo vocês! A minha esposa, Alanna Alencar de Araújo Cruz, pelo amor, partilha, companheirismo e apoio incondicional, agradeço a enorme compreensão, generosidade e alegria com que me brinda constantemente, contribuindo para chegar ao fim deste percurso. E claro, ao meu querido filho, Marcondes, que amo incondicionalmente e que veio me proporcionar um novo colorido a minha vida. Espero doravante compensá-lo das horas de atenção e brincadeira que lhe devo. Você foi o meu grande estímulo nesta caminhada.

Agradeço os professores, Dr. Alexandre Melo de Sousa e o Dr. Carlos Roberto Ludwig, pelas valiosas contribuições por ocasião da participação na banca do exame de qualificação e de defesa.

Ao meu amigo e co-orientador, Prof. Dr. Bruno Gonçalves Carneiro, pela oportunidade de dialogar sobre este trabalho. Obrigado pela confiança e por me atender, com paciência, todas as vezes que bati em sua porta. Agradeço-lhe por todos os ensinamentos

compartilhados de forma admirável, e por me guiar nos primeiros passos da Pós-Graduação. Muito obrigado por tudo!

Agradeço ao Prof. Felipe Coura, pela tradução do resumo para a língua inglesa. Por fim, agradeço ao Grupo de Estudos sobre Língua de Sinais da UFT: Ishac, Roselba, Renato, Maria Inês, Bruno, Felipe e Carlos.

*Num período pequeno, surgem novas palavras e novas expressões,
pela necessidade que o grupo tem de se proteger e de se comunicar.*

Murata (2008)

RESUMO

Esta pesquisa é um estudo qualitativo, de características etnográficas, sobre o processo de criação e uso de gírias em um grupo de surdos. O grupo é composto por cinco participantes, na cidade de Palmas/TO, que interagem em um ambiente específico na rede social WhatsApp, intitulado “Surdos tocaninenses gírias mala”. Nesta dissertação, fizemos o levantamento de dezenove gírias e descrevemos o perfil dos participantes, as regras de manutenção do grupo e o processo de criação desses sinais. Para isso, o pesquisador-participante observa, participa das interações em grupo e entrevista os participantes individualmente. As gírias são apresentadas a partir de uma ficha que envolve: (i) apresentação do sinal, com foto, link de acesso ao vídeo e escrita de sinais, (ii) descrição do sinal, (iii) significado, (iv) contexto de uso, (v) exemplo de enunciado, com link de acesso ao vídeo, (vi) o pesquisador e o (vii) participante que fez a validação. Baseamo-nos na cultura surda, enquanto prática de resistência oriunda das relações de saber e poder, provenientes do ouvintismo (PERLIN, 2003; 2005) e nas gírias como uma prática de linguagem de resistência, oposição e proteção (PRETTI, 1984; 2000a; 2000b; 2013; MURATA, 2008). No grupo, a troca de informações acontecem em libras (vídeo) e não há participação de ouvintes (uma regra explícita do grupo). Segundo os participantes, as gírias surgem como formas de interação do grupo, a saber: (i) de entretenimento e humor, num ambiente em que estão à vontade em relação à língua e aos temas abordados, (ii) de resistência, numa oposição às experiências negativas frente à sociedade majoritária e (iii) de proteção e sigilo, frente aos ouvintes sinalizantes e a outros surdos, membros da comunidade surda. As gírias são categorizadas em: (i) sinais inéditos, (ii) sinais com parâmetros modificados (configuração de mão) para expressar intensidade, (iii) sinais com parâmetros modificados (orientação da palma) para indicar ironia e (iv) sinais com parâmetros modificados (ponto de articulação) para evidenciar a modalidade gestual-visual das línguas de sinais. O processo de criação dos sinais gírias, no caso dos sinais inéditos, envolvem a lexicalização de ações gestuais que, em geral, perpassa pelo uso sistemático de estruturas semi-lexicais, originando sinais altamente icônicos. Outro processo de criação dos sinais gírias envolvem a alteração de unidades sub-lexicais, caracterizando os parâmetros como fonomorfemas. Ressaltamos a necessidade de registrar as gírias em Libras, oriundas das comunidades surdas brasileiras, para a implementação de políticas linguísticas envolvendo as línguas de sinais.

Palavras-chave: Gírias, Cultura Surda, Resistência, Vocabulário de grupo.

ABSTRACT

This research is a qualitative study, with ethnographic characteristics, about the process of creation and use of slang in a group of deaf people. The group is composed of five participants, in the city of Palmas - State of Tocantins, who interact in a specific environment on the social network WhatsApp, entitled “*Surdos tocantinenses gírias mala*”. In this dissertation, we describe the profile of the participants, the rules for maintaining the group, the data survey of nineteen slang words and the process of creating these signs. For this, the researcher-participant observes and participates in group interactions, and interviews the participants individually. A framework presents slangs that involves (i) presentation of the sign, with photo, video and sign writing, (ii) description of the sign, (iii) meaning, (iv) context of use, (v) example of statement, with link to access the video, (vi) the researcher and (vii) reviewer. We are based on deaf culture as a practice of resistance from the relations of knowledge and power arising from the audism perspective (PERLIN, 2003; 2005) and slang as a practice of language of resistance, opposition and protection (PRETTI, 1984; 2000a; 2000b; 2013; MURATA, 2008). In the group, the exchange of information takes place in Libras (video) and there is no participation of hearing people (an explicit rule of the group). According to the participants, slang appears as a form of (i) entertainment and humor, in an environment in which they are at ease in relation to the language and themes covered, (ii) resistance, in opposition to the negative experiences facing the majority society and (iii) protection and secrecy, in front of signing hearing people and other deaf people, members of the deaf community. The categorization of slangs can be presented as follows: (i) unpublished signs, (ii) signs with modified parameters (handshape) to express intensity, (iii) signs with modified parameters (palm orientation) to indicate irony and (iv) signs with modified parameters (location) to highlight the gestural-visual modality of sign languages. The process of creating slang signs, in the case of unpublished signs, involves the lexicalization of gestural actions that, in general, runs through the systematic use of semi-lexical structures, giving rise to highly iconic signs. Another process of creating slang signs involves changing sub-lexical units, characterizing the parameters as phonomorphic. We emphasize the need to register slangs in Libras, coming from Brazilian deaf communities, for the implementation of language policies involving sign languages.

Key words: Slang, Deaf Culture, Resistance, Group vocabulary.

LISTA DE ESQUEMAS

Esquemas 1 – Variantes a partir de áreas linguísticas	30
Esquemas 2 – Variedades socioculturais que se manifestam em determinado dialeto.	30
Esquemas 3 - Variedades socioculturais que se manifestam em determinado dialeto.	32
Esquemas 4 - Características das variedades culta e popular da língua	33

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Imagem atual do Instituto Nacional de Educação de Surdos	24
Imagem 2 – Carta de Huet a Dom Pedro II em 22 de junho de 1855	25
Imagem 3 - <i>Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos</i> , de 1875	26
Imagem 4 - Arrasou	38
Imagem 5- Babado	39
Imagem 6- Grave	39
Imagem 7- Besta/Vaidoso	39
Imagem 8- Nossa	40
Imagem 9- Sexo oral	40
Imagem 10- Gíria: “Não dá! Impossível!!	42
Imagem 11- Gíria: “007”	42
Imagem 12- Gíria: “Oxe!	43
Imagem 13 – Gíria: “Pare com isso”	43
Imagem 14- Gíria: “Presumir”	44
Imagem 15- Gíria: “Evitar”	45
Imagem 16- Gíria: “Vixe (Admiração)”	46
Imagem 17- Participante A	51
Imagem 18- Participante B	51
Imagem 19- Participante C	52
Imagem 20- Participante D	52
Imagem 21- Imagem do programa de leitura de vídeos Quick Time Player	56
Imagem 22- Análise de sinais-gírias e geração de imagens via Elan	56
Imagem 23- Imagem do acervo de vídeos no grupo de <i>WhatsApp</i>	58
Imagem 24- Sinal FEVEREIRO	65
Imagem 25- Sinal JUSTIFICATIVA	66
Imagem 26- Sinal-Gíria oriundo de descrição da imagem visual do referente	95
Imagem 27- Imagem visual do personagem principal do filme <i>Coringa</i>	95
Imagem 28 – Sinal-Gíria oriundo da mimese da ação de um referente	96
Imagem 29- Sinal-Gíria oriundo da mimese do estado de um referente	97
Imagem 30- Sinal-Gíria oriundo da mimese do estado de um referente	97
Imagem 31- Sinal-Gíria oriundo da mimese do estado de um referente	98

Imagem 32 – Sinal LÍNGUA DE SINAIS	99
Imagem 33- Sinal-Gíria lexical, com três sílabas	100
Imagem 34 – Processos de composição	101
Imagem 35- Sinal-Gíria oriundo da composição	102
Imagem 36- Unidade semi-lexical de forma geométrica	102
Imagem 37- Sinal CARA-DE-PAU	103
Imagem 38- Sinal SEXO	104
Imagem 39- Sinal-Gíria oriundo da alteração de configuração de mão.	104
Imagem 40- Sinal MAMAR	105
Imagem 41- Sinal-Gíria oriundo da alteração de configuração de mão	105
Imagem 42- Sinal MADURO	106
Imagem 43 – Sinal-Gíria oriundo da alteração de configuração de mão	106
Imagem 44- Sinal LEGAL	107
Imagem 45- Sinal-Gíria oriundo da alteração de orientação da palma.	107
Imagem 46- Sinal FALAR	108
Imagem 47- Sinal EXEMPLO	108
Imagem 48- Sinal-Gíria oriundo da alteração do ponto de articulação.	108
Imagem 49- Sinal-Gíria oriundo da alteração do ponto de articulação.	109

LISTA DE GÍRIAS

FICHA 01-	71
FICHA 02-	72
FICHA 03-	73
FICHA 04-	74
FICHA 05-	75
FICHA 06-	76
FICHA 07-	77
FICHA 08-	78
FICHA 09-	79
FICHA 10 –	80
FICHA 11 –	81
FICHA 12 –	82
FICHA 13 –	83
FICHA 14 –	85
FICHA 15 –	86
FICHA 16 –	87
FICHA 17 –	89
FICHA 18 –	91
FICHA 19 –	92

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASL – língua de sinais americana

Libras – língua brasileira de sinais

LSF – língua de sinais francesa

UFSC – Universidade Federal Santa Catarina

INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO I	
1. A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: BREVES APONTAMENTOS	17
1.1 Libras e a cultura surda	22
1.2 Níveis de linguagem: culto/linguístico formal e coloquial/ informal	23
1.3 Norma padrão e preconceito na língua de sinais	28
1.4 Variedade linguística: o uso de gíria em língua de sinais	33
1.5 Gíria em língua de sinais: análise prévia de estudos	41
CAPÍTULO II	
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	47
CAPÍTULO III	
3. ANÁLISE DOS DADOS	57
3.1- Caracterização do grupo de seus integrantes	58
3.2- Normas de manutenção e de interação no grupo	61
3.3- Gírias inéditas do grupo “Surdos tocantinenses gírias mala” (STGM)	70
3.4- Gírias por alteração de parâmetros para expressar intensidade	84
3.5- Gírias por alteração de parâmetro para expressar ironia	88
3.6- Gírias por alteração de parâmetro para evidenciar a modalidade gestual	90
3.7- Processo de criação de gírias	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	112
APÊNDICE A	116
APÊNDICE B	117

INTRODUÇÃO

A língua é parte da cognição humana. Há uma relação entre língua, pensamento e nossa capacidade perceptual, abrangendo tanto a percepção visual quanto auditiva, gerando a construção de significado, tanto em línguas orais quanto em línguas de sinais. A língua brasileira de sinais (Libras) é uma língua brasileira, de modalidade gestual-visual, que se desenvolve no âmbito de grupos sociais de pessoas surdas. A importância da Libras para os surdos é uma questão de vida. Ela é compartilhada pela comunidade surda, trazendo sentido e enaltecendo o visual, produzindo significados e artefatos culturais do povo surdo. Por meio da Libras, os surdos fazem significação de mundo e apresentam suas lutas e resistências.

No Brasil, a Libras foi reconhecida como uma das línguas de sinais da comunidade surda brasileira, através da Lei 10.436 de 24 de abril de 2002, regulamentada pelo Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Esses instrumentos legais, seguidos do Decreto 6.949 de 25 de agosto de 2009 (Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência), da Lei 13.005 de 26 de julho de 2014 (Plano Nacional de Educação) e da Lei 13.146 de 06 de julho de 2015 (Estatuto da Pessoa com Deficiência), permitem que os surdos exerçam sua cidadania a partir da diferença surda.

A língua também é um produto social. Nessa perspectiva, a linguística, ciência da linguagem, tem com um de seus desafios explicar as relações entre língua, cultura e identidades; entre uma língua e outras línguas; mudança, variação e tantos outros fenômenos. Dentre eles, fenômenos de interesse desta pesquisa: a variação lexical e seus contextos de uso.

A Libras, como qualquer língua natural, apresenta variação em todos os seus níveis estruturais: fonológico, morfológico, sintático, lexical, bem como em todos os seus níveis de uso social: regionais, sociais, estilísticos dentre outros.

A variação linguística faz parte da construção democrática de uma sociedade, porque evidencia as identidades culturais das comunidades e dos indivíduos, em suas particularidades. Assim, desprestigiar uma variedade linguística é o mesmo que desprestigiar os indivíduos que a usam. Nesse sentido, é preciso difundir o conhecimento de que as línguas de sinais variam tanto quanto as sociedades variam. A Libras é uma língua viva, ativa e apresenta expressões inovadoras. Os surdos, enquanto integrantes de uma comunidade de fala, formam um Brasil heterogêneo, multilíngue e pluricultural.

Reconhecer a existência de uma cultura não é simples. No pensamento habitual, as pessoas entendem a cultura como algo estático e hegemônico. Aceitar a cultura surda seria um passo importante para a mudança de visões hegemônicas, rumo ao reconhecimento da existência de culturas e posições, diversas e discordantes, ocupadas pelos diferentes povos. A cultura surda é visual, perpassa pela língua de sinais e está baseada na diferença surda. Conforme afirma Quadros (2002, p. 10), “os surdos, sabemos, têm características culturais que marcam seu jeito de ver e se relacionar com o mundo. A cultura do povo surdo é visual, ela traduz-se de forma visual”.

Nesse sentido, é equivocado pensar uma língua como algo hegemônico. Mas, ainda é recorrente nos depararmos com sinalizantes¹ que associam determinadas variantes como erradas. Provavelmente isso acontece porque há poucas pesquisas descritivas sobre Libras, principalmente sobre suas variações linguísticas e seus contextos de uso. Por isso, é preciso que se promova um ensino de Libras baseado na diferença. Conforme Gesser (2009), alguns sinalizadores da língua de sinais resistem em aceitar a diversidade e acabam dizendo ‘esse sinal é errado’ ou ‘esse sinal não existe’, quando, de fato, se trata de variantes da língua.

O sujeito surdo é formado por suas identidades e pelos respectivos valores que elas agregam. As identidades surdas revelam a todos quem somos e que somos construídos a partir dos contatos que estabelecemos com os diferentes grupos sociais. Por isso, há um pluralismo no mundo do surdo. Mais uma vez, a cultura e as identidades são marcas que refletem a riqueza e a diversidade do Outro surdo, longe do estereótipo hegemônico ouvintista².

¹ O termo sinalizante se refere aos indivíduos usuários de línguas de sinais, equivalente ao termo falante, que se refere aos usuários de línguas faladas (ou línguas orais).

² De acordo Perlin (2005), o ouvintismo deriva de uma proximidade particular que se dá entre ouvintes e surdos, na qual o ouvinte sempre está em posição de superioridade. Não se pode entender o ouvintismo sem que esse seja entendido como uma configuração do poder ouvinte. Em sua forma posicional ao surdo, o ouvinte estabelece uma relação de poder, de dominação em graus variados, em que predomina a hegemonia por meio do discurso e do saber. Academicamente essa palavra- ouvintismo- designa o estudo do surdo do ponto de vista da deficiência, da clinicalização e da necessidade de normalização.

Nós usamos a nossa língua de diferentes maneiras, dependendo das circunstâncias, dos interessados e do contexto de uso da língua. Talvez o aspecto mais nítido dessa variação é a expressão da língua em contextos formais e em contextos informais. É sobretudo nas situações informais que o uso de gírias emerge.

Os surdos, como quaisquer falantes de uma comunidade de fala, promovem variação e mudanças na língua. E, conforme as demandas situacionais surgem, novos sinais são criados. Desse modo, independente de classe social, gênero, orientação sexual, participação na militância de movimento sociais surdos ou não, todos têm a percepção de gírias que circulam no grupo. Mas, há pouco registro de gírias em Libras, oriundas das comunidades surdas brasileiras.

Considerando a língua como um fato social, cultural e de materialização das identidades, o objetivo deste trabalho é fazer um levantamento das gírias usadas em um grupo de surdos e descrever seus contextos de uso. Os objetivos específicos são (i) descrever as gírias que emergem neste grupo social, atentos para o processo de construção desses sinais, sem como, (ii) analisar a motivação e as situações em que as gírias são usadas, na conversação entre os pares. Na oportunidade, discutiremos a importância do registro dessas gírias como uma forma de valorizar a cultura surda local.

A principal motivação desta pesquisa é a necessidade de conhecermos mais sobre a relação entre língua de sinais, culturas surdas e sociedade. Acreditamos que o estudo das gírias em Libras é um caminho oportuno para este fim. Além disso, há uma carência de estudos que tratam do léxico da Libras, principalmente sobre variantes usadas por certos grupos sociais. Dessa forma, neste trabalho, descrevemos o uso de gírias que correspondem àqueles sinais usados com a intenção de fazer segredo, graça ou, simplesmente, para destacar-se dos outros, criando uma linguagem específica do grupo. Frequentemente observamos grupos de surdos que, em seus diversos espaços de trocas simbólicas, promovem uma renovação da língua e a disseminação de novos sinais.

O interesse por esse pesquisa surgiu a partir de conversas informais, no mês de maio do ano de 2017, percebi que dois alunos surdos, do meu ciclo de convivência, na Universidade Federal do Tocantins, usavam gírias. Na época, eles afirmaram que usavam esses sinais para fins de interação, diversão e, sobretudo, porque primavam pela criatividade. Assim, poderiam sinalizar livremente, o que lhes proporcionava satisfação.

Eu percebi, nesse uso das gírias, uma possibilidade de pesquisar sobre a variação lexical na Libras, tal como acontece em qualquer língua natural. As gírias podem exercer

grande influência na variação e mudança lexical de uma língua, enriquecendo o léxico a partir da disseminação de novas unidades.

Posteriormente, um dos surdos me mostrou alguns dos vídeos que circulavam em um grupo de *WhatsApp*, o qual ele pertence. Os vídeos estavam em Libras e continham sinais que eu desconhecia, o que chamou minha atenção e despertou, ainda mais, meu interesse de pesquisar sobre o tema. Eu perguntei se poderia participar do grupo de *WhatsApp* e me respondeu que precisava consultar os outros membros do grupo, se aceitariam, ou não, a minha entrada.

Depois de alguns meses, em setembro do mesmo ano, participei de um evento intitulado Setembro Azul, realizado pela Universidade Federal do Tocantins, na cidade de Araguaína, e tive a oportunidade de conhecer outros membros do grupo. Neste contato inicial, percebi uma certa desconfiança deles em relação à minha pessoa, mas, logo depois, ficamos todos à vontade. Após aproximadamente quatro meses de contato com os membros, em Palmas e em Porto Nacional, eu pedi novamente para participar do grupo. Eu expliquei para os membros, a minha intenção de pesquisar sobre o grupo e o uso de gírias. Ressaltei a necessidade de legitimar as gírias e de entender sobre processo de criação desses sinais e seu contexto de uso. Expliquei sobre os objetivos da pesquisa, do sigilo e confidencialidade dos dados dos integrantes e das conversas coletadas. A partir daí, eles aceitaram a minha participação e me incluíram no grupo.

A partir do meu envolvimento com eles, adentrei em um mundo totalmente diferente das interações entre surdos que sinalizam uma Libras “convencional”, antes conhecido por mim, devido ao uso intenso de gírias, muito diferente dos sinais da língua padrão. Agora, com um olhar de dentro, percebo que outras pessoas veem o uso de gírias pelos membros do grupo com certa desconfiança, como se fosse um segredo que o grupo mantém. O caráter de sigilo do grupo e das gírias tem uma motivação, que agora passa a ser descortinada.

Esta é uma pesquisa qualitativa, com características etnográfico, que faz um levantamento das gírias em um grupo de surdos na cidade de Palmas – TO, descrevendo suas motivações e seus contextos de uso. Para isso, realizamos um trabalho de campo, através da observação-participante, em que o pesquisador interage com os envolvidos e participa do processo de enunciação como um dos sujeitos, seguindo as normas deste grupo social. Na pesquisa, especificamente, há um enfoque nas interações via *WhatsApp* a fim de identificarmos o uso de sinais caracterizados como gírias. A coleta de dados aconteceu por meio de observações da interação entre os sujeitos, nesta rede social, a partir da troca de vídeos em Libras, como também por entrevistas individuais com os membros do grupo. A

pesquisa também traz algumas características de manutenção e interação do grupo.

A descrição de gírias para os estudos linguísticos da Libras é de grande importância, uma vez que permite evidenciar e valorizar a cultura surda e as variantes lexicais inerentes a qualquer língua. A Libras é uma língua oriunda da interação entre surdos e, compartilhada entre os membros das comunidades surdas, permite a produção de significados e artefatos culturais do povo surdo.

Além disso, este estudo pode oferecer uma melhor compreensão acerca de como se dá a relação entre língua, cultura e identidades de surdos. O entendimento de como grupos sociais se manifestam através da Libras, em contextos específicos, pode gerar reflexões oportunas sobre os diferentes níveis de registro, com desdobramentos práticos sobre o ensino de Libras e outras ações aplicadas que envolvem a cultura surda e a língua de sinais.

Esta dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo traz algumas considerações sobre a língua brasileira de sinais, a diferença surda e de que forma as diferentes maneiras de manifestação dessa diferença repercutem nas práticas de linguagem, inclusive na criação e uso de gírias. O capítulo também discute o conceito de gíria e suas funções enquanto vocabulário de grupo, bem como sobre grupos sociais e preconceito linguístico.

No segundo capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados neste trabalho, organizados a partir de um viés etnográfico. Por fim, no terceiro capítulo, apresentamos os dados em relação aos participantes, às regras de manutenção do grupo e às gírias coletadas. Sobre as gírias, apresentamo-las nas categorias (i) sinais inéditos, (ii) sinais com parâmetros modificados (configuração de mão) para expressar intensidade, (iii) sinais com parâmetros modificados (orientação da palma) para indicar ironia e (iv) sinais com parâmetros modificados (ponto de articulação) para evidenciar a modalidade gestual-visual das línguas de sinais. Discutimos também os processos de criação e uso.

CAPÍTULO I

1 A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: BREVES APONTAMENTOS

O objetivo deste capítulo é abordar sobre alguns aspectos da língua brasileira de sinais, da diferença surda e de que forma as diferentes maneiras de manifestação dessa diferença repercutem nas práticas de linguagem, inclusive na criação e no uso de gírias.

O capítulo está organizado em cinco seções. A primeira seção, intitulada “Libras e cultura surda”, traz um relato sobre a emergência da Libras, enquanto uma língua de sinais nacional, que emerge a partir do contato surdo-surdo. Esse contato também possibilita a emergência de uma diferença que, por sua vez, subsidia as identidades, a cultura surda e uma forma específica de se posicionar no mundo.

Na segunda seção, intitulada “Níveis de linguagem: culto/ formal e coloquial/ informal”, trazemos algumas considerações sobre o uso da língua em situações de formalidade em oposição a situações informais, bem como a existência de variantes de prestígio social.

Na terceira seção, intitulada “Norma padrão e preconceito linguístico”, relacionamos algumas questões de variação e norma padrão com o preconceito nas línguas, especificamente na Libras.

Na quarta seção, intitulada “Variedade linguística: o uso de gíria em língua de sinais”, apresentamos os conceitos de gíria, o contexto de sua emergência e suas funções enquanto vocabulário de grupo.

Por fim, na quinta e última seção, intitulada “Gíria em língua de sinais: análise previa de estudos”, apresentamos o trabalho de Silva (2015) sobre algumas gírias na Libras usadas na cidade de Natal- RN.

1.1 Libras e a cultura surda

De acordo com Kendon (2004), sistemas gestuais de comunicação estão continuamente emergindo, mas a manutenção desses sistemas depende de circunstâncias apropriadas de interação social e institucionalização. O contato visual por período prolongado é condição inicial para essa emergência, além da reciprocidade entre os envolvidos. Isso mostra que as ações gestuais têm potencial para assumir traços de um sistema linguístico. Segundo o autor, existe um contínuo entre gesticulação e língua de sinais e, nesse intermédio, há gestos não convencionados, parcialmente convencionados e sistemas gestuais complexos (línguas de sinais primárias).

Para Zeshan (2013a), as línguas de sinais surgem sempre que surdos reúnem-se em número suficiente para formar uma comunidade linguística. A história de muitas línguas de sinais está relacionada, mas não restrita, à implementação de políticas educacionais para surdos, com a criação de escolas de estilo ‘internatos’³. Isso favoreceu a reunião de surdos que, provavelmente, em muitas situações, não teriam se encontrado de outra forma. Mas a standardização de uma língua de sinais pode acontecer de maneira independente, sem qualquer influência de políticas educacionais.

Ainda segundo a autora, a criação de escolas específicas para surdos, em diversos países, contou com a participação de profissionais estrangeiros e de alguma influência da língua de sinais de outro país, muitas vezes como língua de instrução. Isso contribuiu para a crioulização de (i) línguas de sinais originais (pré-existentes), (ii) línguas de sinais primárias (sinais caseiros), com (iii) uma língua de sinais estrangeira. Assim, muitas escolas para surdos contribuíram para a estabilização e uso generalizado de muitas das línguas de sinais que temos hoje. Este foi o caso da língua de sinais mexicana, da língua de sinais brasileira e

³ De acordo com Frydrych (2013) e Silva (2006), a primeira escola pública para surdos no ocidente surge em Paris, na França, em 1760, sob a responsabilidade do Abade francês Charles Michel de L’Épée (1712 – 1789). Um padre dedicado a promover a educação de crianças surdas indigentes. L’Épée conseguiu uma verba de Luís XVI para transformar seu projeto em uma escola de surdos: o Instituto dos Surdos-Mudos de Paris. L’Épée propõe uma proposta pedagógica chamada de “sinais metódicos”. Talvez, em comparação aos níveis pedagógicos que outros autores contemporâneos ou até mesmo anteriores a ele, alcançaram, L’Épée não tenha tido tanto êxito. Contudo, é inegável que seu grande mérito na educação foi ter demonstrado que a instrução dos surdos permitia sua incorporação à sociedade e que esta instrução poderia ser realizada em escolas públicas e gratuitas. Essa reviravolta na educação de surdos influenciou a criação de escolas para surdos em outros países, como a presença de professores surdos franceses, como no Brasil, México e Estados Unidos.

da língua de sinais americana, que são línguas historicamente relacionadas com a antiga língua de sinais francesa. Esses três países abriram escolas para surdos no século XIX e contaram com a colaboração de professores surdos franceses.

De acordo com Leite e Quadros (2014), o surgimento da Libras, enquanto língua de sinais nacional, está relacionado com a criação do Imperial Instituto de Surdos-Mudos, em 1857, na cidade do Rio de Janeiro. Atualmente, a instituição se chama Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e representa um grande símbolo da história da comunidade surda brasileira e da Libras.

Quintieri *et al* (1990) relata que no ano de 1855, o professor surdo francês, Hernest Huet, chega ao Brasil com a intenção de fundar uma casa de abrigo e de ensino para surdos. Hernest Huet é egresso do *Institution Nationale des Sourds-Muets à Paris*, a primeira escola pública para surdos da Europa, e defende que a surdez não seria impedimento para o processo educacional de pessoas surdas. A imagem 1, a seguir, ilustra o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) atualmente.



Imagem 1 – Imagem atual do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

Fonte: <http://www.libras.com.br/ines>. Acesso em: 22 set 2019.

Na época, o professor surdo Hernest Huet obteve o apoio necessário para a criação do Instituto. Auxiliado pelo Reitor do Imperial Colégio Pedro II, ele conseguiu, para o funcionamento provisório do Instituto, uma sala no Colégio Wassiman, no centro do Rio de Janeiro, tendo como alunos surdos, uma menina e um menino de 12 e 10 anos, respectivamente. Essas duas crianças foram mantidas nesse colégio mediante bolsa de estudos paga pelo governo imperial.

Por determinação do imperador, ao Marquês de Abrantes coube a tarefa de supervisionar os trabalhos de Huet e de formar uma comissão para acompanhar os trabalhos iniciais. Este fato nos ressalta a importância que o Imperador atribuiu à proposta de Huet.

A imagem 2, a seguir, ilustra a carta de Huet ao Imperador Dom Pedro II, referente a necessidade de criação de um instituto educacional para surdos no Brasil.

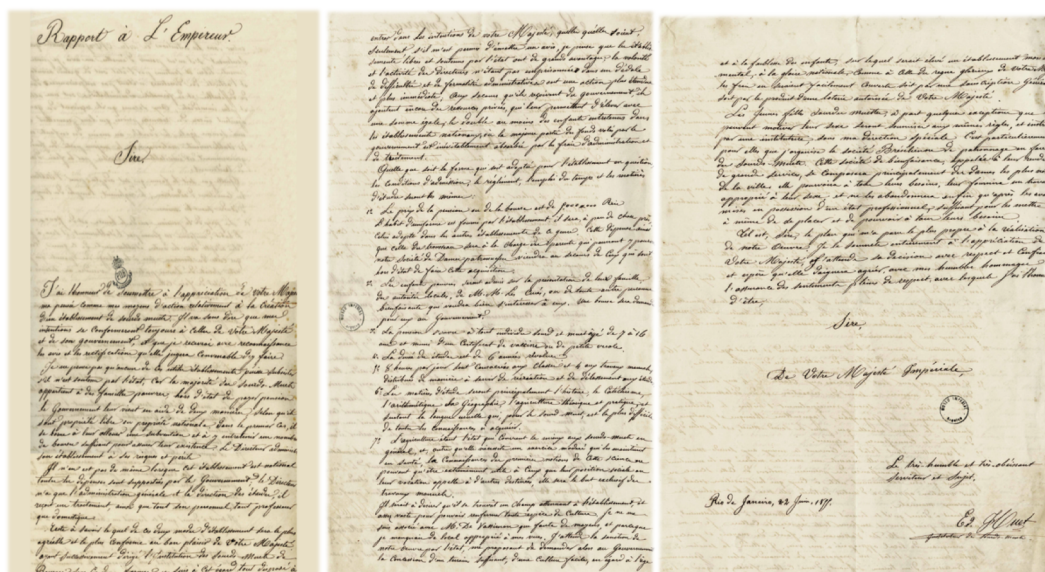


Imagem 2 – Carta de Huet a Dom Pedro II, em 22 de junho de 1855.

Fonte: <http://repositorio.ines.gov.br/ilustra/handle/123456789/185?mode=full>.

Acesso em: 22 set 2019.

Outro personagem importante na constituição da Libras no Brasil foi Flausino José da Costa Gama, surdo “repetidor”⁴, autor da obra *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, de 1875. Essa obra é considerada o primeiro dicionário da Libras, uma obra muito relevante na história da língua de sinais no Brasil (SOFIATO; RELY, 2011). A imagem 3, a seguir, ilustra esta obra.

⁴ De acordo com Kátia Lucy (2019), em uma palestra sobre Tradutores e Intérpretes Surdos, no II Fórum Tocantinense de Tradução e Interpretação Libras/ Português, Flausino da Gama é considerado o primeiro tradutor surdo que se tem registro no Brasil. O termo repetidor era usado, antigamente, para se referir aos tradutores.

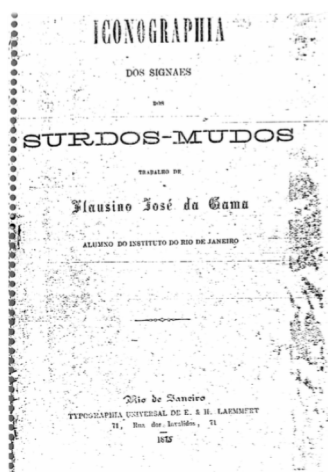


Imagem 3 - *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, de 1875

Fonte: Disponível em: <https://www.skoob.com.br/iconographia-dos-signaes-dos-surdos-mudos-310639ed348034.html>. Acesso em: 22 set 2019.

Ainda de acordo com Leite e Quadros (2014), é provável que antes da instituição da antiga língua de sinais francesa no Brasil, os surdos brasileiros já dispunham de uma língua de sinais. Dessa forma, a Libras que circula no país hoje deve ser produto de um processo histórico de crioulização⁵ entre as línguas de sinais que existiam no Brasil e a língua de sinais trazida pelos educadores franceses, a partir do contato entre surdos, de maneira consistente, prolongada e institucionalizada.

A Libras passa a circular nos centros urbanos do Brasil e começa a ser descrita, enquanto sistema linguístico, a partir dos trabalhos da linguista Lucinda Ferreira Brito, na década de 1980.

O contato surdo-surdo também promove a emergência de uma cultura surda e de identidades surdas. De acordo com Perlin (2003), ser surdo, para os surdos, é uma questão de vida. Não se trata de uma deficiência, mas de uma experiência que toca os surdos de maneira única. Assim, ser surdo

... envolve a diferença. Experiência de ser surdo ou experiência visual significa mais que a utilização da visão, como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de ser povo surdo, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua de sinais, a necessidade do intérprete, de tecnologia de leitura. (PERLIN, 2003, p. 93).

⁵ Crioulização consiste no processo de formação de uma língua a partir de um pidgin, que é uma forma rudimentar de comunicação a partir do contato entre falantes de línguas distintas. Para fins de ilustração, o banco de dados intitulado *Atlas of Pidgin and Creole Language Structures* (APiCS), fornece informações sobre a gramática de 76 línguas crioulas e pidgin no mundo. Disponível em <https://apics-online.info/>. acessado em 26 de março de 2020.

De acordo com Perlin (2003), pesa sobre o surdo uma representação atribuída baseada na anormalidade, deficiência, como se faltasse de algo. Enfim, os surdos como seres incompletos. Há ainda a representação daqueles que veem os surdos em uma região de fronteira, com um corpo danificado e incontrolável, mente selvagem e seres que vivem numa linguagem limitada. Isso acontece porque simplesmente o surdo quer ser o outro, em sua alteridade, com sua linguagem diferente, com a língua de sinais, a cultura e o povo surdo.

Diferente, a representação dos surdos sobre o ser surdo está situada nas questões mais profundas sobre a diferença. Os surdos são a diferença, porque as experiências dos surdos acontecem numa maneira diferente das experiências dos ouvintes. As experiências das pessoas surdas estão reunidas na presença da língua de sinais, uma língua que evoca uma cultura e um jeito de ser. Há também o aspecto visual único, que também caracteriza os surdos em suas experiências.

Assim, ainda de acordo com a autora, os surdos resgatam o poder de decisão. Não é aceito mais a imposição do normal hegemônico ouvinte como a única possibilidade. Neste caso, o surdo é o outro diante da lógica ouvinte, no sentido de que há outros semelhantes em sua diferença. A experiência de ser surdo nasce não entre ouvintes, mas entre surdos. Nesse caminho, Perlin (2005, p. 56) sugere “a afirmação positiva de que a cultura surda não se mistura à ouvinte. Isso rompe o velho status social representado para o surdo: o surdo tem que ser um ouvinte”.

Dessa forma, a experiência de ser surdo não se limita a ser algo pronto, mas a uma ação que caminha para a liberação do jeito de ser surdo. Como a maioria dos surdos nascem em famílias ouvintes, o ser surdo pode ser definido como tornar-se surdo. E nesse processo, a experiência de ser surdo envolve o contato com a diferença surda que está no outro surdo. Um ato que envolve a construção de uma identidade que nunca está pronta e que envolve a necessidade do outro semelhante em sua diferença. E assim, a experiência de ser surdo se transforma em resistência, pelo direito de ser o outro.

Mas, Perlin (2009) enfatiza que a experiência de ser surdo nunca se apresenta igual. Cada surdo tem sua experiência, sua diferença. E essas experiências vividas se tornam mais evidentes na troca com o outro surdo, que gera um ato de ser responsável pela cultura surda. O surdo se ocupa com o outro surdo de forma que ninguém pode ser deixado ao acaso. Dessa forma, emerge uma responsabilidade com o outro, não baseada na vitimização e no sofrimento, mas na responsabilidade de possibilitar que ele seja o outro surdo. Isso acontece quase que numa força moral de resistência. Um firmar-se como surdo, repelindo o

estereótipo.

Onde está a linguagem do surdo que entende do diferente surdo está a responsabilidade pelo outro surdo. A linguagem que entende o outro surdo está com o surdo na sua experiência semelhante, na sua tensão de responsabilidade pelo outro. Uma responsabilidade que admite a diferença e a alteridade, inclusive admite epifania. (PERLIN, 2003, p. 95).

Assim, a cultura surda tem, na língua de sinais, a mais forte conotação de identidade. Os surdos se reconhecem e são reconhecidos pelas suas línguas de sinais. A língua de sinais se constitui um fator poderoso de identificação entre as muitas culturas surdas por sua modalidade espaço-visual (CAMPOS; STUMPF, 2013).

Ainda segundo Perlin (2003), mesmo que os surdos se recusem a aceitar serem encapsulados nesta sociedade de ouvintes, alguns são facilmente convencidos. Infelizmente ainda vemos surdos imersos na pobreza de suas formas de vida, diante da violência que obriga o surdo a ser um ouvinte, ou seja, de não conseguir uma vida pessoal própria.

Outros, entretanto, jamais se deixam convencer. O surdo resiste e essas resistências são acompanhadas de significado. Neste contexto, os surdos buscam gerar espaços culturais em que condições vitais são desenvolvidas. Esses espaços, que permitem a emergência de um território surdo de resistências, são alicerçados na diferença surda, pela língua de sinais. E o uso de gírias é uma estratégia que evidencia essas relações sutis de poder e de luta pelo direito de ser em sua diferença.

1.2 Níveis de linguagem: culto/ formal e coloquial/ informal

De acordo com Naro (2004), as línguas mudam com o tempo, mas as mudanças linguísticas se processam de maneira gradual, em várias dimensões, e não de maneira mecânica e regular, a curto prazo. Essas mudanças estão diretamente relacionadas à dinâmica social. Nas palavras do autor,

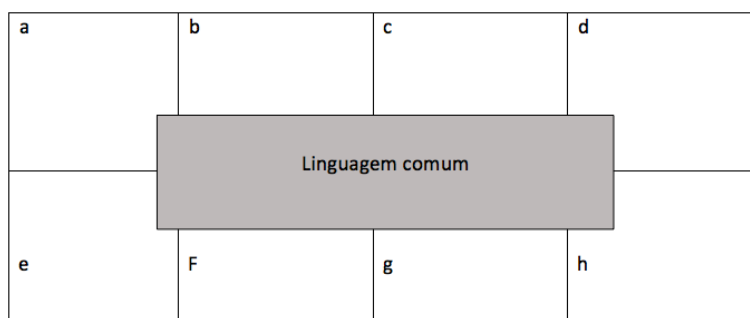
As mudanças linguísticas normalmente se processam de maneira gradual em várias dimensões. Nos eixos sociais, por exemplo, os falantes mais velhos costumam preservar mais as formas antigas, o que pode acontecer também com as pessoas mais escolarizadas, ou das camadas da população que gozam de maior prestígio social, ou ainda de grupos sociais que sofrem pressão social normalizadora, a exemplo do sexo feminino de maneira geral, ou das pessoas que exercem atividades socioeconômicas que exigem uma boa apresentação para o público. E mesmo uma única pessoa pode

escolher uma forma mais conservadora numa situação formal, preferindo outra forma mais atual em conversa informal. (NARO, 2004, p. 43).

Assim, reconhecemos que existe uma relação estreita entre língua e sociedade. De acordo com Pretti (2003), as diferentes manifestações da vida em sociedade, atreladas à nossa capacidade criativa de interação e comunicação, faz com que a língua assuma inúmeras facetas, configurando-se a partir de características extralinguísticas. Essas características, que influenciam a dinâmica da língua em uso, estão diretamente relacionadas ao falante, ao interlocutor e à situação de fala.

As línguas são sistemas simbólicos complexos, que atendem as necessidades de interação e de concepção de mundo de suas comunidades de fala. As línguas são heterogêneas, dinâmicas e atendem às demandas de seus falantes. Por isso, as línguas variam em todos os níveis de análise. Segundo Pretti (2003), as variações linguísticas podem acontecer tanto por questões geográficas quanto por questões socioculturais, que influenciam todos os níveis da diversidade linguística, seja no léxico, na fonologia ou na morfossintaxe da língua. Dentre estas, as variações são mais evidentes no léxico.

A variedade geográfica envolve questões regionais e estão relacionadas a comunidades linguísticas localizadas em determinadas áreas. Essas manifestações podem ser entendidas como distribuídas em um plano horizontal, em que há diferentes falares locais, pontuados geograficamente, permeados por uma linguagem comum que é compreendida e aceita pelas diferenças regionais. O Esquema 1, a seguir, ilustra essas manifestações linguísticas regionais. As áreas intituladas de “a” até “h”, representam diferentes variantes, permeadas por uma linguagem comum.

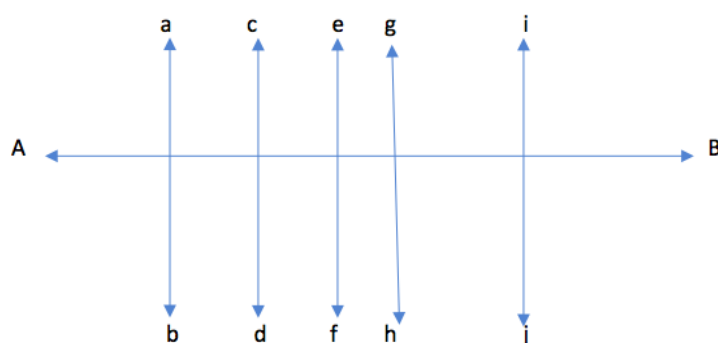


Esquema 1 – Variantes a partir de áreas linguísticas

Fonte: Pretti (2003, p. 24)

As variedades geográficas são mais conhecidas pela oposição entre a variante rural e a urbana. No primeiro caso, a língua é mais conservadora e isolada, enquanto que, no segundo caso, a língua está mais próxima da linguagem comum (Esquema 1) e é influenciada por fatores culturais como escolarização e meios de comunicação em massa.

A variedade sociocultural está relacionada a fatores ligados ao falante e à situação. Ambas acontecem, dentro de uma comunidade específica, independente do local geográfico. Neste caso, as manifestações da língua são entendidas em um plano vertical, conforme é ilustrado no Esquema 2, a seguir. As regiões intituladas “A” e “B”, na horizontal, representam localidades geográficas onde se manifestam as variedades socioculturais, intituladas “a”, “b”, “c”, em diante.



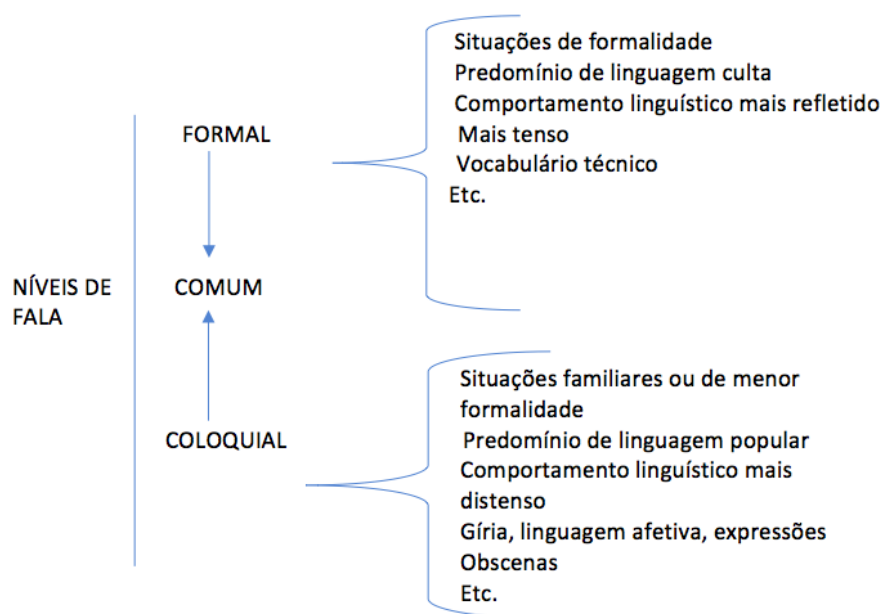
Esquema 2 – Variedades socioculturais que se manifestam em determinado dialeto.

Fonte: Pretti (2003, p. 25)

Conforme mencionado anteriormente, as variedades socioculturais podem estar ligadas às características do falante, envolvendo questões como: (i) idade, pessoas mais jovens tendem a usar mais gírias, por exemplo, do que pessoas mais velhas; (ii) sexo, numa oposição entre a linguagem do homem e a linguagem da mulher, tais como vocabulário; (iii) profissão, relacionado ao uso de um vocabulário técnico, condizente com a atividade executava pelo falante; (iv) posição social, em que o status ocupado pelo falante exige um desempenho específico na sua forma de expressão, por exemplo, um chefe de estado e (v) grau de escolaridade.

As variedades socioculturais também estão ligadas à situação, ou seja, às circunstâncias criadas no momento de interação, no momento e lugar em que o ato discursivo se materializa, bem como pelas relações entre os interlocutores. A situação gera dois níveis de fala, ou dois níveis de registro: (i) o registro formal, em situações de formalidade, e (ii) o registro informal, em situações mais familiares.

No registro formal, há predominância de um vocabulário mais técnico, uma linguagem mais culta e um comportamento mais tenso, refletido e controlado. No registro informal, há uma intimidade maior entre os falantes, com um vocabulário mais popular e com mais gírias. Os limites entre o registro formal e o informal (ou coloquial) são fluidos e indefinidos. O Esquema 3, a seguir, ilustra as características do registro formal e do registro informal.

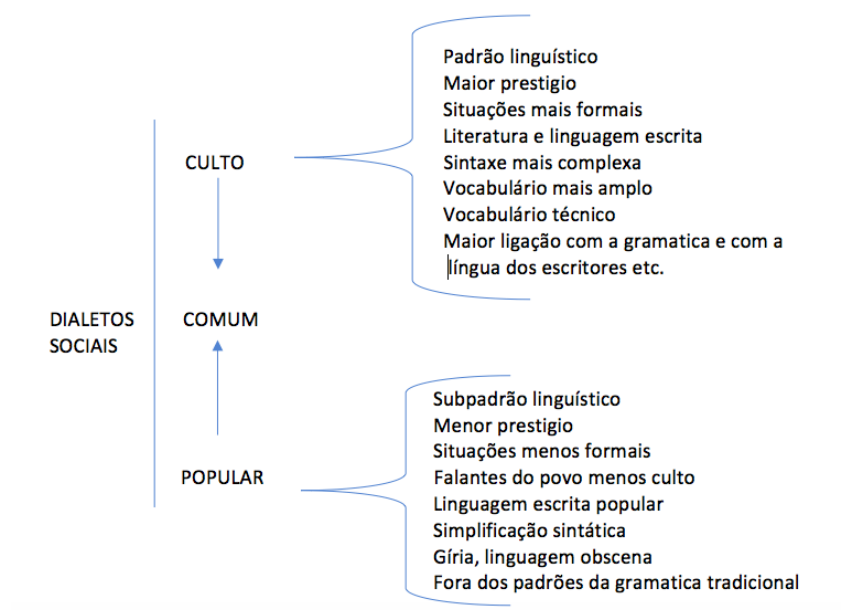


Esquema 3 – Variedades socioculturais que se manifestam em determinado dialeto.

Fonte: Pretti (2003, p. 39)

O autor também pontua que, a partir das variáveis geográficas e socioculturais, é possível observarmos o surgimento de duas variedades sociais distintos, com características específicas. Uma delas tem maior prestígio e é usado em situações de maior formalidade, a outra apresenta menor prestígio e é usada em situações de menor formalidade.

A variante de prestígio, em geral, é considerada culta e, ainda, a única possibilidade de uso da língua, ou seja, aquela em que todos devem alcançar. Normalmente, essa variedade serve às intenções do ensino, com o objetivo também de normatizar a língua. A de menor prestígio é considerada uma versão “deturpada” da primeira, usada por aqueles que “não sabem a língua”, nas palavras de Pretti (2003), em decorrência da falta de instrução. O Esquema 4, a seguir, apresenta algumas características da variante culta da língua (prestigiada) e da variante popular da língua (estigmatizada).



Esquema 4 – Características das variantes culta e popular da língua

Fonte: Pretti⁶ (2003, p. 36)

A variante social culta tende a se ater mais às regras da gramática tradicional, considerada normativa, veiculada à escola, à linguagem escrita, caracterizando, assim, um estilo mais conservador da língua. Enquanto que a variante social popular é aberta às transformações da língua, a partir da oralidade. Mas, a distinção entre essas duas variantes também envolve uma questão fluida. Conforme ilustrado no Esquema acima, há uma relação direta e de equivalência entre a variante culta e a popular, com os níveis de registro formal e informal da língua, respectivamente.

1.3 Norma padrão e preconceito linguístico

Existe um mito de que as línguas se constituem a partir de blocos compactos, uniformes e homogêneos. Mas, na realidade, as línguas são heterogêneas porque seus falantes são heterogêneos. Uma língua pode apresentar diferentes formas de registro, seja uma língua

⁶ Para este estudo, optamos por usar o termo variante no lugar de dialeto, conforme o esquema de Pretti (2003, p. 36).

falada, seja uma língua sinalizada, com sua diversidade de usuários, que adotam modos distintos de expressão, em diferentes contextos. Além disso, um mesmo falante não possui um único modo de falar.

De acordo com Bagno (2017), apesar das diferentes formas de manifestação de uma língua, todas legítimas em suas formas de expressão e que atentem às demandas situacionais de seus falantes, há uma forma particular de manifestação que se constitui o padrão da língua. Esse padrão emerge a partir de situações mais formais e tem um caráter normativo. A ascensão do normativo está vinculada às elites mais letradas, que ditam o que é certo em todos os comportamentos, abrangendo também os padrões de uso da língua (BAGNO, 2011; PRETTI, 2003).

A norma padrão pode promover práticas excludentes. De acordo com o autor, a norma padrão pode se apresentar como um instrumento de opressão ideológica, que desconsidera o falante em sua complexidade.

Assim, tal como existem milhões de brasileiros sem terra, sem escola, sem teto, sem trabalho, sem saúde, também existem milhões de brasileiros que poderíamos chamar de “sem língua”. Afinal, se fomos acreditar no mito da língua única (identificada com a norma-padrão tradicional), existem milhões de pessoas neste país que não têm acesso a essa “língua”, que é a empregada pelas instituições oficiais, pelos órgãos do poder - são os sem-língua. É claro que eles têm uma língua, também falam o português brasileiro, só que falam variedades linguísticas estigmatizadas, que não são reconhecidas como válidas, que são desprestigiadas, ridicularizadas, alvo de chacota e de escárnio por parte dos falantes urbanos mais letrados – por isso podemos chamá-los de sem-língua. (BAGNO, 2017, p. 29-30).

Como todo processo normalizador é homogeneizante, surgem os elementos que se desviam. Em alguma medida, grupos sociais e comunidades de fala que não apresentam aspectos desse padrão normativo ficam privados de produtos e serviços que privilegiam essas características. Não falar e/ou não escrever “corretamente”, seguindo os valores da norma, acaba sendo um traço de desqualificação pessoal e/ou profissional. Como consequência, temos naturalizado a busca incansável por falar cada vez melhor a variante de prestígio de nossa língua.

A Libras, enquanto língua natural, também apresenta variações linguísticas que sofrem preconceito. Algumas variações são desprestigiadas, enquanto há formas que estão mais próximas da variante considerada padrão. Estas, provavelmente, estão relacionadas às variantes dos grandes centros urbanos e das classes mais altas, em contraste com as variantes de localidades menores, de zona rural e das classes menos favorecidas.

A língua sempre foi, tem sido e é usada como instrumento para veiculação explícita do preconceito, ou seja, como instrumento de discriminação contra grupos sociais e povos inteiros. Essa discriminação é tão explícita que se cristalizou numa série de termos empregados para designar o **outro**, aquele que fala diferente e, portanto, deve ser ridicularizado e até mesmo exterminado, pura e simplesmente. (BAGNO, 2017, p. 304-305).

Consequentemente, sugerimos que os diferentes grupos de surdos, que usam gírias em línguas de sinais, também sofrem preconceito, porque usam uma variante linguística considerada “inferior” e desprestigiada. Assim, surdos, podem sofrer preconceito (interno) da comunidade surda.

A Libras, uma língua minoritária em relação ao português, pode sofrer também um preconceito externo, que parte do ouvinte em relação ao surdo, quando o ouvinte considera a língua do surdo como inferior, ou ainda, quando não considera as línguas de sinais como línguas naturais. Isso é explicitado quando as línguas de sinais são vistas como mímicas, como aponta Gesser (2009, p. 21).

Quando me perguntam, entretanto, se a língua de sinais é mímica, entendo que está implícito nessa pergunta um preconceito muito grave, que vai além da discussão sobre a legitimidade linguística ou mesmo sobre quaisquer relações que ela possa ter (ou não) com a língua de sinais. Está associada a essa pergunta a ideia que muitos ouvintes têm sobre os surdos: uma visão embasada na anormalidade, segundo a qual o máximo que o surdo consegue expressar é uma forma pantomímica indecifrável e somente compreensível entre eles. (GESSER, 2009, p. 21).

Além do preconceito linguístico, é preciso verificar outros conflitos entre os grupos linguísticos minoritários e majoritário. Segundo Murata (2008), os conflitos também geram a necessidade de criar uma linguagem própria, que ajuda a identificação dos indivíduos no grupo, bem como uma forma de autodefesa.

Conforme mencionado, práticas normalizadoras promovem exclusão e apagamento das diferenças humanas. É preciso questionar as práticas e as justificativas da própria norma, de maneira a legitimar as variantes de pouco prestígio, como produto do comportamento e da criatividade humana. A maior riqueza do ser humano é a diferença, manifesta inclusive na língua.

1.4 Variedade linguística: o uso de gíria em língua de sinais

A diferença é inerente ao comportamento humano. Por isso, a sociedade é diversa, heterogênea e dinâmica. É ingênuo pensarmos a sociedade como algo homogêneo e estanque. Somos múltiplos, plurais e discordantes por natureza.

O léxico das línguas reflete constantemente as transformações sociais. A dinâmica social se reflete no processo contínuo e natural dos neologismos, dos modismos linguísticos e dos vocabulários, que se tornam obsoletos e caem em desuso (PRETI, 2000a).

De acordo com Preti (2013), os grupos sociais que compõem a sociedade se referem a um conjunto de pessoas que possuem uma consciência de interação conjunta, independente do tamanho do grupo. Essa consciência se manifesta em marcas do grupo, inclusive manifestadas pela língua. Os indivíduos fazem dessas marcas, uma forma de se afirmarem na sociedade. Por isso, essas marcas se constituem signos de grupo.

A língua é uma das formas de comportamento no conjunto de atividades culturais praticadas pelo grupo e se torna uma marca. Os indivíduos que possuem laços estreitos de convívio, ou seja, relações de maior e mais durável intimidade, apresentam modos de falar semelhante. Isso os distingue de outros indivíduos. É neste contexto que as gírias surgem (PRETI, 2000a; 2000b; 2013; RECTOR, 1975).

Ainda de acordo com Preti (2000a; 2000b; 2013), a gíria é um fenômeno predominantemente urbano, porque, neste ambiente, há maior variedade de situações de interação. A gíria representa um importante recurso de expressão e evidencia a capacidade de invenção de uma comunidade de fala.

Segundo Petri (1984), gíria é uma linguagem secreta; uma forma de auto-afirmação, empoderamento e também de oposição à uniformização da sociedade. Nas palavras do autor,

A gíria é caracterizada como um vocabulário especial, surge como um signo de grupo, a princípio secreto, de domínio exclusivo de uma comunidade social restrita [...]. E quanto maior for o sentimento de união que liga os membros do pequeno grupo, tanto mais a linguagem gíria servirá como elemento identificador, diferenciando o falante na sociedade e servindo como meio ideal de comunicação, além de forma de auto-afirmação. (PRETI, 1984, p. 3).

Para Rector (1975), as gírias são empregadas pelos membros de um grupo com a preocupação de se distinguirem da massa dos demais sujeitos. Por isso há uma tendência das gírias se desenvolver em contraste com a língua comum. Conforme já mencionado, as gírias

definem uma coletividade, sendo caracterizadas pela dissimulação e pelo desrespeito intencional à norma estabelecida.

As gírias também se tornam um recurso importante para expressar crítica, ironia, desprezo e humor. Dessa forma, as gírias tem uma relação com a visão de mundo do falante e expressa, de alguma forma, o mundo em que vive. Nesse processo, as gírias são atitudes, críticas e representação de mundo. Daí as gírias serem consideradas um dos instrumentos de luta e reivindicação.

E não é por casualidade que sua origem está ligada aos grupos marginais, aos grupos jovens ou até adolescentes, aos grupos estudantis, ou a todos os grupos desejosos de marcar sua oposição (quando não, sua hostilidade) em relação aos comportamentos sociais padronizados. (PRETI, 2000a, p. 2018).

Mais uma vez, a gíria funciona como um mecanismo de compensação, pois nela, o grupo social encontra uma das formas de extravasar sua revolta e frustração em relação às injustiças sociais. E o faz por meio do humor, da ironia, da agressividade, da malícia e de suas imagens; enfim, da sistemática oposição a tudo que remeta aos valores estabelecidos pela sociedade e aos tabus morais reverenciados pela tradição (PRETI, 2000a; 2000b; 2013).

Dessa forma, o estudo das gírias pode contribuir para o conhecimento de algumas facetas da cultura popular e da vida marginal, através da linguagem dos estudantes, dos grupos musicais, dos clubes noturnos, do mundo das drogas, das penitenciárias, da polícia e dos quartéis, do mundo desportivo, enfim, da vida íntima de grupos sociais fechados (PRETI, 2000b). O estudo das gírias na Libras também se torna uma estratégia interessante para compreendermos a diversidade que existe dentro da diferença surda.

Pretti (2013) divide as gírias em dois tipos: gírias de grupo e gírias comuns. No primeiro caso, as gírias de grupo dizem respeito ao vocabulário específico de grupos sociais restritos, cujo comportamento se afasta da maioria. Esse vocabulário pode ser proveniente de um grupo inusitado ou de um grupo de conflito, a depender da relação que o grupo estabelece com a sociedade. Um grupo inusitado se refere, por exemplo, a jovens ligados aos esportes, diversão, música, pontos de encontro, etc. Enquanto que um grupo conflituoso pode estar vinculado a grupos comprometidos com a violência, tráfico, contrabando, etc. Aqui, há uma necessidade de preservar a segurança, por meio de um código sigiloso que lhes permite, por exemplo, identificar imediatamente os opositores.

O filme *Cidade de Deus*, dirigido por Fernando Meireles (2002), apresenta a realidade de uma comunidade que vive diante do tráfico de drogas, na cidade do Rio de Janeiro, no começo dos anos de 1980. No filme, os personagens apresentam uma série de gírias de grupo,

relacionadas ao mundo do tráfico. Na oportunidade, mencionamos as palavras “endolação”, “dola”, “aviãozinho”, “olheiro”, “vapor” e “soldado”. Essas gírias foram retiradas de um trecho do filme, transcrito e reproduzido a seguir. As gírias de grupo, relacionadas ao mundo do tráfico, estão em negrito.

*Vender droga é um negócio como qualquer outro. O favorecedor entrega o peso e no cafofo é feito a **endolação**. O trabalho de endolação é a linha de montagem do tráfico. A maconha é embalada num pacotinho chamado **dola**. A cocaína é embalada em papelote. [...]. O tráfico tem até plano de **carreira**. Os garotos menores começam a trabalhar com **aviãozinho**, recebem uma boa grana para levar e trazer refrigerante, dos recados, esse tipo de coisa. Depois, eles passam para **olheiro**, quando a polícia aparece, a pipa desce do céu e todo mundo sai saindo. De **olheiro** o cara passa **vapor**, vendendo a droga na favela. Pintou sujeira, o vapor tem que evaporar rapidinho. **Soldado** é um cargo mais responsa. Ele fica na contenção. Se o cara for esperto e bom de conta, pode virar gerente da boca. O gerente é o braço direito do patrão. A polícia também faz sua parte. Recebe a dela e não perturba. Trecho do Filme Cidade de Deus (MEIRELES, 2002)*

De acordo com Ferreira (2019) e Sobrinho (2019)⁷, há também gírias que circulam entre os surdos gays brasileiros. Os dados seguir são exemplos dessas gírias.



Imagem 4 - Arrasou
Fonte: Ferreira (2019)

Esse sinal é identificado como uma interjeição e pode ser glosado como ARRASOU.

⁷ Em comunicação pessoal. Gentilmente agradeço Rodrigo Augusto Ferreira e Pedro Luiz Serafim Sobrinho pelo fornecimento dos dados.



Imagem 5 - BABADO
Fonte: Ferreira (2019)

Esse sinal se refere a algo muito interessante e pode ser glosado como BABADO.

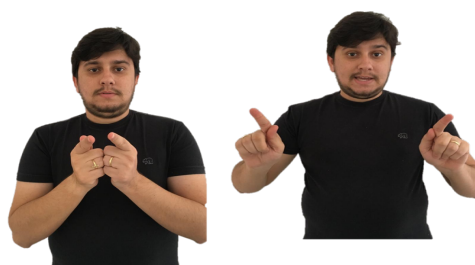


Imagem 6 - GRAVE
Fonte: Ferreira (2019)

Esse sinal se refere a algo extravagante, que chama a atenção. Pode ser glosado como GRAVE.



Imagem 7– BESTA/VAIDOSO.
Fonte: Sobrinho (2019)

Esse sinal se refere a alguém muito vaidoso, que está muito arrumado.



Imagem 8 - **NOSSA**
Fonte: Sobrinho (2019)

Esse sinal é uma interjeição e pode ser glosado como NOSSA!



Imagem 9 – **SEXO ORAL**
Fonte: Sobrinho (2019)

Esse sinal se refere quando alguém está interessado em ficar com um homem ouvinte. Em alguns contextos, esse sinal significa o desejo de fazer sexo oral, independente de o parceiro ser surdo ou ouvinte.

Quando esses grupos sociais restritos disseminam e as marcas específicas da linguagem, as gírias deixam de pertencer ao grupo e passam a pertencer à sociedade. Neste caso, as gírias são incorporadas à fala popular, tornando-se gírias comuns. Atualmente, a mídia e as redes sociais favorecem a popularização das gírias (MURATA, 2008; PRETI, 2000a; 2000b; 2013). No caso específico das línguas de sinais, a comunicação é facilitada por causa de mídias e plataformas como *WhatsApp*, *YouTube*, *Facebook* que ajudam a circulação massiva de vídeos, o que contribuir efetivamente para divulgação de gírias e sinais novos.

Segundo Preti (2000a), quando determinado item lexical perde a condição de signo de grupo, os falantes de grupos restritos procuram novos vocábulos para desafiar a compreensão do falante comum. De acordo com Murata (2008), num período curto, surgem novas palavras e novas expressões, pela necessidade que o grupo tem de se proteger e de se comunicar. O caráter secreto da gíria, enquanto signo de grupo, é efêmero, uma vez que os meios de comunicação em massa promovem, dia a dia, um alcance cada vez maior de informações e fazem com que essas gírias de grupo desapareçam ou adquiram um novo status (gíria comum). As gírias podem ainda ser passíveis de esquecimento, quando o grupo deixa de usá-las.

Devido a esse caráter efêmero da gíria de grupo, o interesse na elaboração de dicionários especializados é pequeno (PRETI, 2000a). Em geral, quando uma gíria chega a ser dicionarizada, o vocábulo perdeu a condição de gíria de grupo e passou a ser incorporado no léxico popular, como uma gíria comum.

Com base em Murata (2008) e Preti (1984; 2000a; 2000b; 2013), podemos considerar a gíria como sendo um conjunto de unidades linguísticas (itens lexicais simples ou complexos, frases, interjeições) que caracterizam um grupo social. As gírias em Libras são usadas por um grupo social e permitem expressar sensações, apelos, humor, resistência, lutas e oposição, de acordo com a cultura e as normas do grupo.

Grupo de surdos criam e usam gírias de maneira continua. As interações específicas em grupo, permeadas pelas relações de saber e poder, fazem com que atuem no mundo e com outras pessoas, por meio dessa linguagem de grupo.

1.5 - Gíria em línguas de sinais: análise prévia de estudos

Nesta seção, apresentamos o trabalho de Silva (2015) sobre algumas gírias na Libras, utilizadas na cidade de Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte. Nesta pesquisa em específico, o autor faz um levantamento de gírias comuns,

Silva (2015) traz os conceitos de gírias internas e gírias externas. No primeiro caso, as gírias internas seriam sinais usados pelos surdos com o objetivo de sigilo e de eufemismo. Em muitos casos, nas palavras do autor, esses sinais são articulados de forma reduzida e, às vezes, abreviados. Um exemplo de gíria interna, apresentada por Silva (2015), é o sinal com o sentido de “NÃO DÁ! IMPOSSÍVEL!!

Este sinal, ilustrado a seguir (Imagem 10), seria uma forma reduzida do sinal PODER-NÃO, que é articulado com o dedo indicador e médio estendidos e demais dedos fechados, com dois toques da ponta dos dedos na região do pescoço (logo acima da extremidade superior do esterno). No caso da gíria, os dedos indicador e polegar estão fletidos e realizam dois contatos na região anterior do dedo polegar, na linha da articulação interfalangeana.

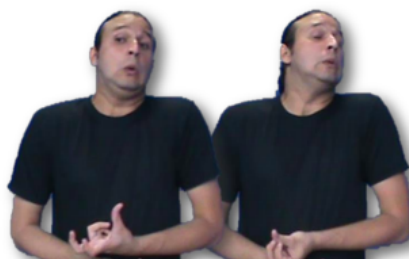


Imagem 10 – Gíria: “NÃO DÁ! IMPOSSÍVEL!!
Fonte: Silva (2015, p. 113).

As gírias externas seriam sinais oriundos de empréstimo linguístico da língua portuguesa. O contato entre a Libras e o português oportuniza aos surdos a possibilidade de se apropriarem de alguns vocábulos. Dois exemplos de gírias externas, apresentados por Silva (2015), são os sinais com o sentido de 007 (esperto) e OXE!, ilustrados a seguir.



Imagem 11 – Gíria: “007!!
Fonte: Silva (2015, p. 117).



Imagem 12 – **Gíria: “OXE!!**

Fonte: Silva (2015, p. 118).

Para o levantamento das gírias em Natal, o autor utilizou como critério o fato desses sinais não serem dicionarizados⁸. O critério adotado pelo autor se baseou no dicionário Deit-Libras (CAPOVILLA et al, 2009). Um exemplo, apresentado pelo autor, para ilustrar esse critério, é o sinal “pare com isso!”.



Imagem 13 – **Gíria: “PARE COM ISSO!!”**

Fonte: Silva (2015, p. 146-147).

Outro critério utilizado pelo autor é a alteração de alguns parâmetros na articulação dos sinais. O sinal glosado como PRESUMIR, por exemplo, dicionarizado como um sinal

⁸ Silva (2015) faz um levantamento de gírias comum.s na cidade de Natal e utiliza como um dos critérios, para definição de gírias, o fato destes sinais não serem dicionarizados. Em nossa pesquisa, fazemos um levantamento de gírias de grupo, ou seja, vocabulário em e uso por um grupo restrito.

bimanual, com a mão dominante movimentando-se a partir do ponto de articulação, localizado na região temporal da face, passa a ser monomanual e articulado no espaço neutro, na altura do ombro. A gíria, nesse caso, é uma mudança na articulação do sinal, nos parâmetros número de mãos e ponto de articulação (locação).

Dicionário
(Capovilla, Raphael, &
Mauricio, 2009)



Mudança de Sinal



Gíria



Imagem 14 – **Gíria: “PRESUMIR”**
Fonte: Silva (2015, p. 151).

Em alguns sinais, intitulados como gírias, quando comparados à forma lexical descrita no dicionário (CAPOVILLA et al, 2009), o autor sugere um processo de mudança do sinal. Nestes casos, há uma alteração na articulação de unidades sublexicais da Libras. Um dado mencionado pelo autor é a gíria intitulada EVITAR. Neste caso, o sinal EVITAR dicionarizado é descrito com o ponto de articulação a região lateral da cabeça. No caso da gíria EVITAR, o sinal é realizado no espaço neutro.

Dicionário
(Capovilla, Raphael, &
Mauricio, 2009)



Gíria



Imagem 15 – Gíria: “EVITAR”

Fonte: Silva (2015, p. 139).

O autor argumenta que a gíria EVITAR, articulado no espaço neutro, conforme ilustrado na imagem 15, é uma estratégia de sinalização discreta e menos visível para o público em geral, quando comparado com sua forma articulada na região lateral da cabeça. Dessa maneira, o sinal é realizado fora do campo visual de possíveis interlocutores. Uma forma de manter o sinal e o discurso em sigilo, de acordo com a função das gírias (PRETTI, 1984; 2001a; 2001b).

Silva (2015) também reconhece os papéis da disposição do corpo, da face e da configuração da boca na construção de significado, que acabam por se tornar lexicalizados dentro da língua. Um exemplo de gíria, nesse sentido, é o sinal “VIXE (admiração)”.



Imagem 16 – Gíria: **“VIXE (admiração)”**

Fonte: Silva (2015, p. 119).

No próximo capítulo, apresentamos os procedimentos metodologias realizados nesta pesquisa. Novamente, esta pesquisa é um estudo qualitativo, com características etnográficas, em que acompanhamos um grupo de surdos no uso de gírias, na cidade de Palmas – TO.

Capítulo II

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa, intitulada *Gírias na Língua de Sinais Brasileira: Processos de criação e contextos de uso* é um estudo qualitativo, com características etnográficas, sobre a produção e uso de gírias de grupo por surdos usuários de Libras, na cidade de Palmas – TO. Neste capítulo, descrevemos a forma como a pesquisa se desenvolve e o delineamento dos caminhos que nortearam a coleta e a análise dos dados.

A presente pesquisa acontece por meio de um trabalho de campo, em que o pesquisador participa e interage com os envolvidos em um grupo virtual de interação, no aplicativo *WhatsApp*. O pesquisador (e participante), ao interagir com o grupo, contribui com o processo de enunciação dos sujeitos, atento para as trocas através dessa rede social, a fim de identificar e descrever os sinais caracterizados como gírias, seus usos, e trazer algumas características deste grupo social. Assim, a coleta de dados também aconteceu através de entrevistas com os membros do grupo. O grupo foi criado por iniciativa de amigos surdos, com o objetivo de entretenimento, lazer e resistência, através de conversas espontâneas sobre temas dos mais diversos.

Consideramos que há uma cultura e valores específicos que perpassam pelos integrantes do grupo. Há uma visão de mundo que constitui a diferença desse coletivo, que fundamenta a emergência e a circulação de um registro específico da Libras. O ingresso, neste grupo, é compreendido como uma imersão em um mundo diferente, específico, no mundo do outro, em que há experiências e valores próprios do coletivo, que sustentam essa rede de interação e a criação das gírias.

O pesquisador possui um relacionamento cordial com todos os participantes, mas precisou ser autorizado para participar dessa rede de entretenimento, como participante e pesquisador. Após um período de aproximação e de explicitar a proposta e os objetivos da pesquisa, todos concordaram em colaborar e autorizaram a participação do pesquisador.

O primeiro contato com alguns dos integrantes do grupo aconteceu no mês de maio de 2017, nas dependências da Universidade Federal do Tocantins, Campus de Porto Nacional, onde as aulas do curso de Letras: Libras acontecem. A partir de conversas

informais, percebi que dois alunos surdos, do meu ciclo de convivência, usavam gírias. Na época, eles afirmaram as gírias eram para fins de interação entre amigos. Além disso, as gírias evidenciavam a criatividade e a liberdade no uso da língua, pois não concordavam com a homogeneização. A possibilidade de ruptura de padrões de comportamento e de normalização lhes proporcionava satisfação.

Eu percebi, no uso dessas gírias, uma possibilidade de pesquisar sobre variação lexical na Libras, tal como acontece em qualquer língua natural. As gírias podem exercer grande influência na variação e na mudança de uma língua, enriquecendo o léxico a partir da disseminação de novas unidades lexicais.

Eu perguntei se poderia participar do grupo e um dos integrantes afirmou que precisava consultar os outros membros. Neste mesmo ano, depois de alguns meses, foi realizado um evento intitulado Setembro Azul, na Universidade Federal do Tocantins, Campus de Araguaína, quando tive a oportunidade de conhecer mais quatro membros do grupo. Neste contato, percebi uma certa desconfiança, apesar de interagirmos de maneira cordial. Não foi possível explicar sobre a proposta da pesquisa, ainda que brevemente, nem solicitar para o grupo, a minha entrada. Após quatro meses de contato com os membros, de maneira mais próxima com aqueles que eram estudantes na UFT, eu pedi novamente para participar do grupo. Desde o contato inicial, eu percebi que estava sendo avaliado. O grupo, de alguma maneira, verificava se eu atendia o perfil das interações que aconteciam via *WhatsApp*, de maneira mínima. Eu estava passando pelo crivo das regras de manutenção do grupo.

Eu expliquei para os membros que a minha intenção era realizar uma pesquisa. Expliquei sobre os objetivos do estudo, da necessidade de dar valor às gírias e entender as estratégias de criação de novos sinais. Falei sobre o sigilo e confidencialidade dos dados, dos integrantes e das conversas coletadas. Somente então, eles aceitaram e me incluíram no grupo.

Após a entrada, havia o desafio da permanência no grupo. Eu não poderia apenas observar as interações que aconteciam. Precisaria participar ativamente do grupo, comentando sobre os assuntos que circulavam, com a produção de vídeos. Essa é uma regra que vale para todos os membros. A não participação acarreta em expulsão do grupo.

A partir do meu envolvimento, adentrei em um mundo diferente devido ao uso intenso de gírias. Agora, com um olhar de dentro, percebo que outras pessoas veem o uso de gírias pelos membros do grupo com certa desconfiança, como um segredo que o grupo mantém. O caráter de sigilo do grupo e das gírias tem uma motivação, que agora passa a ser descortinada.

A pesquisa etnográfica é um processo sistemático de observar, detalhar, descrever, documentar e analisar padrões específicos de uma cultura em seu meio natural, dentre eles a língua. Ou seja, envolve a descrição da organização social, das atividades sociais, dos recursos simbólicos e materiais e das práticas interpretativas que são características de um determinado grupo de pessoas. Nesse sentido, a abordagem etnográfica combina vários instrumentos de coleta, sendo as principais a observação participante e a entrevista, para ilustrar justamente a perspectiva dos participantes. Na linguística, os linguistas lançam mão de métodos etnográficos, para a documentação de fenômenos relacionados à linguagem (DURANTI, 1997; LIMA; DUPAS; OLIVEIRA; KAKEHOSHI, 1996).

De acordo com Duranti (1997), a linguística, a partir de um viés etnográfico, descreve formas linguísticas como elementos constitutivos da vida social de uma comunidade de fala, a fim de identificar como essas formas estão vinculadas a práticas culturais específicas. A etnografia oferece um conjunto valioso de técnicas para esse objetivo.

Essa descrição é tipicamente produzida pela participação prolongada e direta na vida social de uma comunidade e implica (i) a capacidade do pesquisador em se afastar de suas próprias reações imediatas e culturalmente tendenciosas, a fim de tentar ser objetivo em sua observação e análise, e (ii) em alcançar empatia pelos membros do grupo, a fim de fornecer uma perspectiva privilegiada. Assim, o pesquisador estabelece um diálogo entre diferentes pontos de vista, incluindo as perspectivas das pessoas estudadas, sua perspectiva (enquanto etnógrafo) e da base teórica adotada.

A suposição inicial de que o grupo forma uma “comunidade” deve ser sustentada por observações sistemáticas. Isso significa que há certas semelhanças entre os membros: hábitos, atividades sociais e formas de interagir compartilhados.

A experiência de participar da vida de determinado grupo social também proporciona ao pesquisador um ganho de conhecimento único enquanto pessoa. O trabalho de campo tem consequências interessantes, em um nível mais pessoal, que vai além da simples satisfação de realizar e concluir o projeto de pesquisa.

Ainda de acordo com o autor, existem diferentes modos de observação participante, desde a participação passiva, em que o etnógrafo tenta ser o menos intrusivo possível, até em situações em que os pesquisadores interagem com outros participantes e até realizam atividades. Nesta pesquisa, conforme mencionado anteriormente, a manutenção do pesquisador participante no grupo de *WhatsApp*, exigiu dele uma participação mais ativa.

A presença de um pesquisador, de alguma forma, interfere e na rotina da comunidade. Nesse sentido, a pesquisa foi conduzida com a preocupação sobre, em que medida, o

pesquisador influencia na interação entre os surdos do grupo. A pesquisa etnográfica deve evitar definições rígidas e mergulhar na situação. O problema de pesquisa deve ser revisto e aprimorado e o pesquisador deve realizar o trabalho de campo de forma a permitir uma longa imersão na realidade do outro, para entender as regras, os costumes e as convenções que governam a vida do grupo (LIMA; DUPAS; OLIVEIRA; KAKEHOSHI, 1996).

De início, o pesquisador participou das interações e observou o nível de registro, as gírias e seus usos, bem como as regras de manutenção deste grupo social. Nesta etapa, foi realizado um levantamento e descrição das gírias que circulavam no grupo de *WhatsApp* mantido pelos participantes. Observar é um bom método para coletar informações preciosas e, segundo Gil (2012), imprescindível para a pesquisa. No caso desta pesquisa, observamos como as relações acontecem entre os surdos do grupo, atentos às possíveis informações que fundamentam o uso de gírias pelos sujeitos, durante a conversação. Ao analisar a relação entre os surdos, questões culturais e identitárias acabam por emergir. Isso evidencia a riqueza da cultura surda. Assim, além de mapear as gírias usadas, este estudo pôde demonstrar a relação entre língua, cultura e identidades de uma determinada comunidade.

Os participantes cederam os vídeos em Libras, trocados em conversas via *WhatsApp*, para o levantamento e descrição das gírias e autorizaram o uso de suas imagens. Ressaltamos que os vídeos atendem apenas as demandas desta pesquisa e que não são utilizados para outros fins.

Posteriormente foram realizadas entrevistas. As entrevistas com os surdos objetivaram entender como é a visão deles sobre a interação entre os envolvidos e o uso da gírias. De acordo com Duranti (1997), as entrevistas em uma pesquisa linguística, com viés etnográfico, tendem a ser menos estruturadas do que as organizadas em torno de um questionário padronizado, mas podem ser igualmente focadas em alguns tópicos específicos, incluindo formas linguísticas. Os pesquisadores precisam estar atentos sobre o questionamento, ou seja, descobrir quem tem permissão para ser questionado, quem pode questionar, quando e como.

As entrevistas foram filmadas para não perdemos nenhuma informação desse momento, lembrando que o uso de recursos visuais é de grande relevância para a comunidade surda. O roteiro das entrevistas se encontra no Apêndice A e objetivou levantar o perfil linguístico dos participantes, caracterizar a interação entre os integrantes do grupo e identificar as possíveis motivações para a criação das gírias.

Dos cinco integrantes do grupo, apenas um se recusou a participar da entrevista⁹. As entrevistas aconteceram de maneira individual, sendo três realizadas no estúdio de gravação do curso de Letras: Libras da Universidade Federal do Tocantins, e uma em sala de aula, todas na cidade de Porto Nacional. No estúdio, estiveram apenas o entrevistador e o entrevistado. Dessa forma, terceiros não acompanharam os procedimentos. Em sala de aula, o entrevistado foi acompanhado por um dos integrantes, por sua pouca familiaridade nas dependências de UFT.

As entrevistas foram conduzidas em forma de diálogo, em língua de sinais, com duração de aproximadamente 20 minutos cada. A sequência de perguntas aconteceu de forma descontraída, com o entrevistador ao lado do entrevistado. Neste caso, tanto o entrevistador quanto o entrevistado foram gravados em um mesmo quadrante, conforme ilustrado nas Imagens 17, 18, 19 e 20, a seguir.



Imagem 17- Participante A

Fonte: Imagem gerada a partir da entrevista, em 2018.



Imagem 18- Participante B

Fonte: Imagem gerada a partir da entrevista, em 2018.

⁹ O participante que se recusou a participar da entrevista não explicitou o motivo da recusa.



Imagem 19- Participante C

Fonte: Imagem gerada a partir da entrevista, em 2019.



Imagem 20- Participante D

Fonte: Imagem gerada a partir da entrevista, em 2019.

Todos os entrevistados estavam cientes dos objetivos da entrevista e, mais especificamente, da coleta de dados. Para isso, houve um momento prévio de esclarecimento sobre os propósitos de entrevista, das possíveis contribuições deste estudo e de sua relevância para a língua de sinais brasileira. Os entrevistados estiveram livres para sanar suas possíveis dúvidas sobre os procedimentos e também foram esclarecidos sobre o direito de recusar em participar da entrevista, a qualquer momento.

Usamos as letras do alfabeto para identificar os participantes. As entrevistas foram analisadas diretamente em Libras e, posteriormente, traduzidas para a língua portuguesa. A

tradução foi realizada por um tradutor ouvinte, com formação em Letras: Libras bacharelado e com experiência em pesquisas envolvendo línguas de sinais. A etapa de tradução contou com a assessoria do pesquisador-participante, que esclareceu vários pontos do discurso dos entrevistados.

Vale ressaltar que a pesquisa contou com a apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), Apêndice B desta dissertação. Apenas os participantes que estiveram cientes dos procedimentos e que assinaram o TCLE participaram da pesquisa. Esta pesquisa é parte de um projeto maior, intitulado Língua Brasileira de Sinais e a Educação de Surdos sob a Perspectiva Bilíngue e Decolonial, coordenado pelo Dr. Carlos Roberto Ludwig, da Universidade Federal do Tocantins. O projeto está aprovado pelo Comitê de Ética da UFT/ Plataforma Brasil, sob o Parecer Consubstanciado do CEP – Número 02647618.4.0000.5519

Para a descrição, organização e apresentação dos sinais-gírias, após a coleta dos dados, elaboramos uma ficha catalográfica, baseado na organização de obras lexicográficas e terminológicas em Libras (OLIVEIRA; STUMPF, 2013; STUMPF; OLIVEIRA; MIRANDA, 2015; MARTINS; STUMPF; MARTINS, 2018).

Ficha catalográfica dos Sinais-Gírias

a) Sinal – Gíria

Neste item apresentamos uma imagem do sinal-gíria, para remeter o leitor à sua forma de articulação. O sinal é realizado pelo autor pesquisa, o pesquisador-participante. Disponibilizamos também o link de acesso ao vídeo do sinal-gíria na Plataforma *YouTube* e sua forma escrita no sistema *signwriting*.

b) Descrição do Sinal – Gíria

Neste item apresentamos uma descrição dos parâmetros articulatórios do sinal-gíria: a configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação da palma e expressões não manuais, bem como sobre a estrutura silábica.

c) Morfologia

Neste item, mencionamos se a gíria é um sinal lexical ou sinal semi-lexical (classificador). Os sinais lexicais são caracterizados pelos parâmetros formacionais estáveis, exigindo o critério de boa formação. O significado surge a partir da reunião dos parâmetros, formando a unidade lexical. Os sinais semi-lexicais são caracterizados pela alta carga semântica de cada um dos parâmetros formacionais, formando uma semântica componencial, construções altamente icônicas e com forte caráter gestual. Mencionamos também se o sinal lexical é simples ou composto. Os sinais simples correspondem a uma unidade lexical, em geral, monomorfêmicos. Os sinais compostos são resultados de duas unidades lexicais, em que um novo significado é criado (QUADROS; KARNOPP, 2004).

d) Definição

Neste item apresentamos o significado do sinal-gíria, de acordo com as ocorrências de uso entre os membros do grupo.

e) Contexto de uso

Descrição dos principais contextos e situações em que o sinal-gíria é utilizado.

f) Exemplo de enunciado

Exemplo de sentença em que há uso do sinal-gíria, a partir de situações reais da língua em uso, entre os membros do grupo. O trecho é sinalizado pelo autor pesquisa, o pesquisador-participante. Disponibilizamos o link de acesso ao vídeo na Plataforma *YouTube*.

g) Pesquisador

Nome do pesquisador responsável pelo levantamento

h) Validação

Nome do participante, membro do grupo, responsável pela validação do sinal-gíria

i) Data de Coleta

Período em que aconteceu a coleta do sinal-gíria

Fonte: Ficha adaptado de Oliveira, Stumpf (2013), Stumpf, Oliveira e Miranda (2015), Martins, Stumpf e Martins (2018).

Conforme mencionado, esta proposta de catalogação está baseada em organização de obras lexicográficas e terminológicas em Libras (OLIVEIRA; STUMPF, 2013; STUMPF; OLIVEIRA; MIRANDA, 2015; MARTINS; STUMPF; MARTINS, 2018).

Em uma revisão de obras dessa natureza, em Libras, Martins, Stumpf e Martins (2018) verificaram a presença de fichas com as seguintes estruturas (i) vídeo em Libras (no caso de obras digitais); (ii) legenda em português (no caso de obras digitais e impressas); (iii) descrição do sinal-termo em português (digitais e impressas); (iv) foto (digitais e impressas); (v) ilustração (digitais e impressas); (vi) definição/Conceito (digitais e impressas) e (vii) escrita de sinais (digitais e impressas). O banco de dados de sinais terminológicos apresentado por Oliveira e Stumpf (2013) e Stumpf, Oliveira e Miranda (2015), vinculado ao curso de Letras: Libras da UFSC consiste da seguinte estrutura: (i) soletração da palavra, (ii) sinal (utilizado durante a tradução de materiais do português escrito para a libras), (iii) definição do conceito (explicação do termo), (iv) exemplos e (v) variações regionais.

Em nossa pesquisa, desconsideramos a soletração em português, bem como a legendagem porque as gírias são oriundas da língua de sinais, sem qualquer influência ou empréstimo da língua oral (português). Tivemos a preocupação em não atrelar o sinal-gíria a um único termo em português.

Para a análise das mensagens do grupo, foi utilizado o programa de leitura de vídeos Quick Time Player, presente no sistema operacional do MAC. Posteriormente, gravamos os sinais coletados para análise no Elan (Eudico Linguistic Annotator), um programa de notação muito utilizado em pesquisas envolvendo línguas de sinais. Assim procedemos também para gerar imagens dos sinais-gírias. A seguir, ilustramos a identificação dos sinais-gírias a partir do programa de leitura de vídeos (Imagem 21) e a análise via Elan (Imagem 22).



Imagem 21 - Identificação de sinais-gírias a partir do programa de leitura de vídeos Quick Time Player

Fonte: Imagem do Participante B em um dos vídeos do grupo, em 2019.

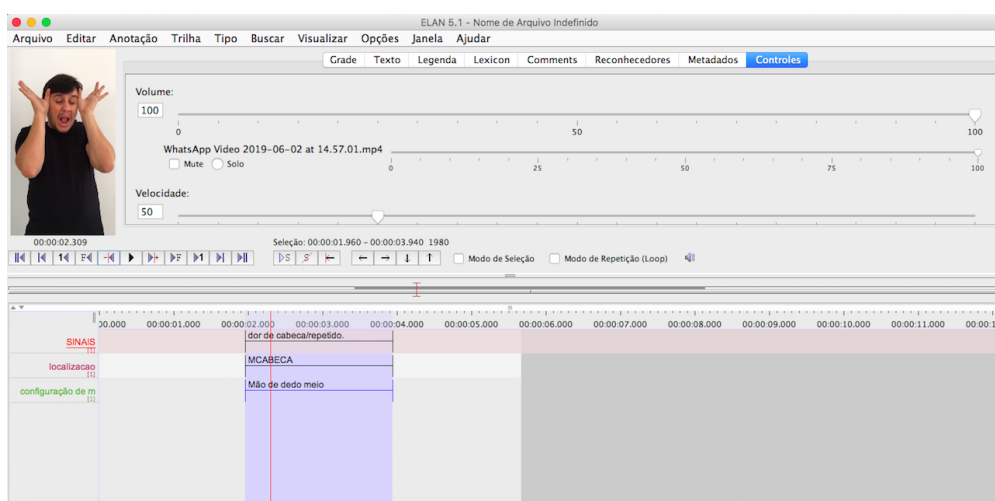


Imagem 22 – Análise de sinais-gírias e geração de imagens via Elan
Fonte: Cruz (2019)

Durante a pesquisa, foram catalogados dezenove sinais-gírias. Estes sinais são considerados gírias por serem vocabulários de grupo, criados com fins específicos de entretenimento, sigilo e proteção (PRETTI, 1984; 2001a; 2001b). Ressaltamos que esses sinais ainda não estão registrados em dicionários. No capítulo 3, a seguir, apresentamos a análise dos dados.

CAPÍTULO III

3. ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, apresentamos uma análise dos vídeos que circulam no grupo de WhatsApp, do qual fazemos parte. Num primeiro momento, na primeira seção, apresentamos um perfil sociolinguístico dos membros do grupo e a motivação para a criação e manutenção do grupo.

Na segunda seção, apresentamos algumas regras e princípios de interação do grupo, convencionados pelos membros.

Nas seções seguintes, apresentamos o levantamento das gírias coletadas no grupo, após a análise dos vídeos. Categorizamos as gírias em: (i) sinais inéditos criados pelo grupo (seções 3.3), (ii) sinais com parâmetro modificado, como uma forma de expressar intensidade na libras (seção 3.4), (iii) sinais com parâmetro modificado para expressar ironia (seção 3.5) e (iv) sinais com parâmetro modificado para evidenciar a modalidade gestual-visual (seção 3.6).

Por fim, na seção 3.7, discutimos alguns processos de criação dos sinais-gírias.

3.1 – Caracterização do grupo e de seus integrantes

O grupo de *WhatsApp* existe desde 2017 e é composto por cinco integrantes surdos, acrescido do pesquisador, também surdo, totalizando seis participantes. Os cinco integrantes já se conheciam, antes do uso dessa rede social e sempre se encontraram para uma conversa descontraída. A imagem 23, a seguir, ilustra o acervo de vídeos que circula entre os membros do grupo, na rede social *WhatsApp*.

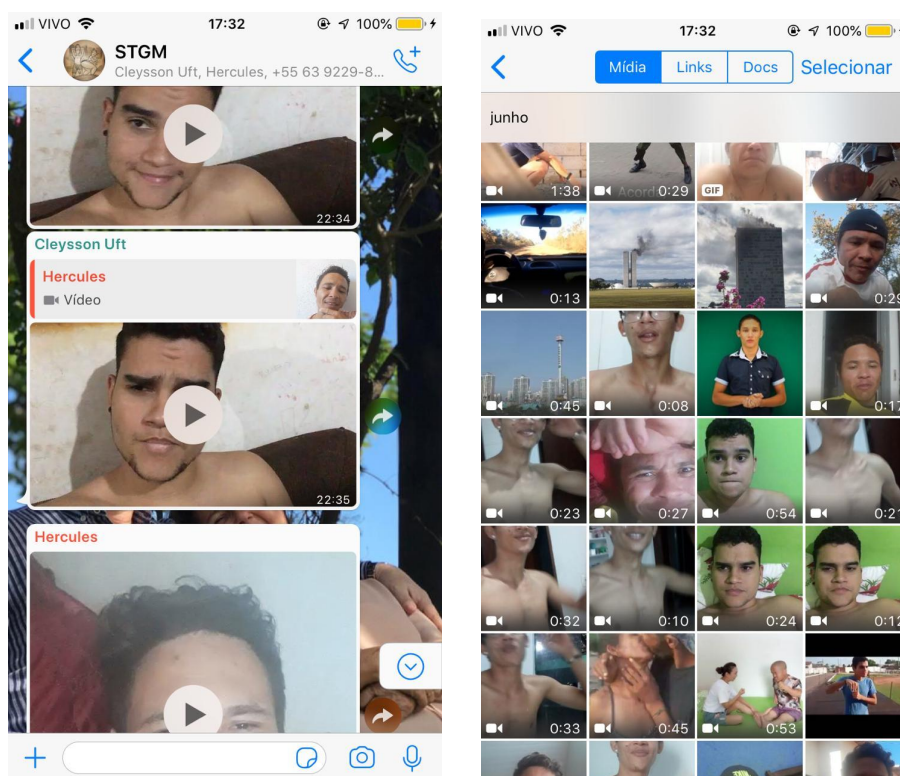


Imagem 23 – Imagem do acervo de vídeos no grupo de *WhatsApp*
 Fonte: Acervo de vídeos no grupo de *WhatsApp*, em 2019

Durante as entrevistas, fizemos um levantamento do perfil dos integrantes do grupo em relação ao contato com a língua de sinais, sua interação em família e o primeiro vínculo com os integrantes do grupo.

Perfil do participante A: nasceu surdo e relatou que sua mãe teve uma infecção durante a gestação que causou a surdez. Sua mãe narra que, ainda muito novo, ele estava

deitado numa rede mas não respondia aos comandos sonoros. Nesse dia, sua mãe desconfiou que era surdo. Após os exames necessários, houve o diagnóstico da surdez. O participante A relata ainda que nunca foi oralizado; sempre se comunicou através de gestos com a sua família. “O acesso às informações, emoções, sentimentos, tudo eu expressei por gestos”. Essa estratégia de comunicação acontece até os 16 anos, aproximadamente. A partir dessa idade, começou a interagir com outros surdos. E assim, começa a adquirir e a usar a Libras. Uma dessas pessoas foi o participante B, em Araguaína. Passaram a se encontrar com uma certa periodicidade. A comunicação era um pouco demorada, porque não sabia bem a Libras. Menciona que se relacionava mais com ouvintes, mesmo com a comunicação sendo bastante limitada. Nesta época, ele ouviu falar do curso de Letras Libras e foi morar em Porto Nacional, em 2015, com de 17 anos. Confessa que sinalizava de maneira tímida e limitada. Foi durante a graduação, com a interação com os pares, que se tornou fluente. A aquisição foi rápida, em contato com muitos surdos. Ele conta que muitas pessoas tiveram bastante paciência com ele. Nivelavam o discurso de forma que entendesse, adaptavam a fala na hora de dar algum conselho e explicavam passar o significado dos sinais. Eles exemplificavam muito as coisas, e situavam a língua a partir do contexto de uso. Acrescenta, ainda, que ia fazendo a associação das coisas, da língua, dos enunciados e tudo ia se tornando mais claro. Nesse convívio, começou a sinalizar de maneira mais consistente. Em relação ao grupo de, menciona que *WhatsApp* é recente, mas a interação entre os membros já existia os amigos que sempre se encontravam para jogar conversa fora.

Perfil do participante B: nasceu ouvinte e com, aproximadamente, 1 ano teve uma infecção que o deixou surdo. Não sabe dizer, com segurança, o que ele teve. Durante algum período da escolarização, estudou na Apae de Araguaína – TO, junto com ouvintes. Neste período, ainda não sinalizava. Não conhecia nada sobre a Libras. Relata ter feito terapia de fala ainda bem jovem, mas não lembra bem em qual idade. Mas relata que não se sentia bem. Conta que “aquele procedimento não fazia sentido”. Na comunicação em família, utilizava gestos. Só após ter contato com outros surdos, passou a sinalizar, com aproximadamente 9 anos de idade. Esse contato aconteceu na escola, quando deixou de usar gestos e passou a usar a Libras, a partir do contato com amigos surdos. Residia em Araguaína e, aos poucos, foi adquirindo a língua e conhecendo um pouco sobre a identidade surda, até que a Libras passou a fazer parte de sua pessoa. O participante B narra que adquiriu fluência na língua a partir do contato com outros surdos. Quando ele se mudou para Palmas, por conta do curso de Letras: Libras, conheceu o participante D. Se tornaram amigos e, por iniciativa dele,

criaram o grupo no *WhatsApp*. A partir daí, passamos a postar vídeos usando gírias, a fazer provocações, piadas, humor como uma rotina do grupo.

Perfil do Participante C: nasceu ouvinte e, ainda em tenra idade, teve meningite. Afirma ter adquirido a língua de sinais aos 2 anos de idade. Participou de terapia de fala durante a infância, para ser oralizado, mas não se adequou. Participou dessas terapias até os 9-10 anos mas nunca se importou, pelo fato de ter contato com a língua de sinais ainda na infância. Sempre fez uso da Libras. Apenas com algumas pessoas da família, adaptava a sinalização e usava gestos para que pudessem entendê-lo. O contato com a Libras aconteceu em uma instituição de saúde, especializada no atendimento de pessoas com deficiência, na cidade de Goiânia-GO. Segundo o participante C, nesta instituição havia atendimento para pessoas surdas, principalmente às crianças surdas. E na interação com essas crianças, adquiriu a Libras.

Após começar a estudar no Letras: Libras, passou a interagir com um grande numero de pessoas surdas. Algumas vezes, percebia alguém usando um sinal diferente, o que despertou nele bastante interesse. Então, passou a interagir com mais proximidade com esse grupo de amigos que usavam gírias. Considera que o grupo interage de maneira muito animada e descontraída. Impossível não se divertir, na opinião dele.

Perfil do Participante D: nasceu surdo e não se lembra de tentar oralizar em nenhum momento de sua vida. Durante a infância, à medida que foi crescendo, sua família sempre usou a fala para se comunicar com ele. O participante D relata que tentava acompanhar a fala dos familiares, através da leitura labial, mas isso o desanimava. Ele ressalta que sempre usou a língua de sinais e, por conta disso, não conversava muito em família e acabava indo pra rua, interagir com os seus amigos, considerados de má índole. Esse amigos eram ouvintes e conversavam com ele em sinais. Relata que se divertiam muito e zoavam bastante. Assim, todo o seu conhecimento de mundo veio da rua, através da língua de sinais. Ele se dava bem com os ouvintes com os quais conseguia interagir em língua de sinais. Mas viajava muito e teve contato com surdos de outras cidades, com os quais aprendeu muita coisa sobre a vida. Pouco a pouco foi aprendendo como o mundo funciona. O conhecimento sobre a vida e também sobre a língua de sinais vieram através dessa rede de interação.

De acordo com o entrevistado, as gírias começaram a surgir desde 2007, por iniciativa de um grupo de amigos. Na verdade, as gírias foram surgindo naturalmente. O grupo de *WhatsApp* é mais recente, no qual ele se sente confortável em participar. O grupo é formado por pessoas que ele tem certa intimidade e confiança.

3.2 – Normas de manutenção e de interação no grupo

Após o levantamento sobre o perfil dos integrantes do grupo, em relação ao contato com a língua de sinais, interação em família e a relação com os demais integrantes, apresentamos um panorama sobre a maneira como que as interações ocorrem no grupo de *WhatsApp*.

A interação no grupo acontece por meio da troca de vídeos em Libras, de forma bidirecional e assíncrona. Isso significa que todos os participantes podem postar mensagens no grupo e que a comunicação entre eles acontece de maneira não simultânea, pois as mensagens são enviadas em momentos diferentes e ficam disponíveis para serem acessadas em qualquer momento. Grosso modo, os vídeos são gravados e postados por todos, em tempos distintos. Praticamente não há troca de informações em português escrito. As mensagens em português são raras, de maneira que a circulação de informações em Libras (vídeos) prevalece.

O grupo se intitula “Surdos tocantinenses gírias mala” (STGM), cujo nome e sigla caracterizam o perfil de identificação do grupo no *WhatsApp*. O grupo surge através da iniciativa de amigos, com o objetivo de criar um ambiente de conforto linguístico e cultural, em que todas as informações circulem em língua de sinais. A partir dos depoimentos, percebemos que a interação apenas em Libras é uma escolha consciente, como uma forma de resistência e de prestígio da língua de sinais e da cultura surda, diante da relação de poder que existe entre surdos e ouvintes.

De acordo com Perlin (2003), os surdos continuam insistindo por um espaço onde possam desfrutar de sua diferença. Segundo a autora, os surdos possuem um desejo constante de vir a ser povo¹⁰, a partir da diferença surda, o que envolve uma autenticidade em ser surdo.

Ainda segundo a autora, os surdos fazem parte de movimentos marginalizados e, qualquer comportamento negativo de sua parte, provoca distorções e estereótipos dentro de uma situação de dominação. Por isso a necessidade de espaços em que os surdos possam assumir a sua diferença e contrapor a hegemonia discriminatória que emerge dessa relação

¹⁰ Strobel (2008) faz uma distinção entre **Comunidade Surda** e **Povo Surdo**. A comunidade surda envolve surdos e ouvintes, tais como intérpretes de Libras, familiares de surdos e outros, todos envolvidos com interesses em comum relacionados aos surdos. O povo surdo envolve apenas pessoas surdas, vinculados entre si através da língua de sinais, das identidades e da cultura surda.

de poder, marcada pelo ouvinte e pela língua oral que, neste contexto, é representado pela língua portuguesa (PERLIN, 2003; 2005).

A história dos surdos, especificamente a dos surdos do grupo, é marcada por experiências negativas a partir de práticas ouvintistas. Nos depoimentos, há referência a situações de constrangimento, proveniente das barreiras de comunicação.

“Em Araguaína eu já participei em um grupo de *WhatsApp* com amigos ouvintes. Eu era o único surdo. A interação neste grupo era exclusivamente em língua portuguesa. Várias vezes, muitos dos integrantes me chamavam de burro. Eu acabei me fechando muito. Por isso, eu sempre tive a vontade de participar de um grupo em que realmente me sentisse à vontade. Um grupo composto de surdos, em que poderíamos interagir e compartilhar experiências a partir de nossa diferença, em que todos os integrantes estivessem vinculados em uma relação de proximidade. Nós surdos sempre passamos por muitas barreiras de comunicação. Quero dizer que a maioria dos ouvintes são pessoas ótimas para interagir. Mas neste grupo que mencionei inicialmente, como as postagens só aconteciam em língua portuguesa, eu não participava efetivamente. Era muito difícil. (Trecho da entrevista do participante A).

A existência do grupo “Surdos tocantinenses gírias mala” evidencia a necessidade por espaços em que a diferença surda esteja em primeiro plano. Nesses locais, alicerçados na cultura surda, os surdos estão diante de um reagrupamento, em torno de uma série de conteúdos e de temas que envolvem os surdos. São locais em que há um cuidado pelo outro (surdo), a partir de sua alteridade. Nas palavras de Perlin (2014, p. 225), representa “um ponto de encontro de nós surdos, em torno de nosso pulsamento”.

Conforme verificamos nos depoimentos, a partir das entrevistas, os surdos do grupo de *WhatsApp* possuem liberdade e autonomia de manifestação, a partir de uma zona de conforto linguístico e cultural.

A interação entre meus amigos do grupo me traz bastante satisfação. É muito bom participar do grupo. Fico muito animado e me divirto muito com o bate papo que rola entre a gente. O grupo me proporciona um conforto na minha língua. No grupo não há uso da língua portuguesa. Aliás, não há nada em português. E também não há regras no grupo, no sentido de haver normas que sugerem um bom comportamento. Todo mundo ali é livre para postar o que quiser, por mais pesado que o conteúdo possa parecer. (Trecho da entrevista do participante D).

Cada um é livre para se expressar. Estamos todos muito à vontade. (...) É a nossa língua, com a nossa diferença, com as nossas gírias. Estamos usando a nossa primeira língua. Interagimos, trocamos informações e nos divertimos de maneira intensa. (trecho da entrevista do participante A).

O choque cultural entre surdos e ouvintes é inevitável. As identidades e a cultura das pessoas surdas são complexas, pois frequentemente vivem num ambiente bilíngue e

multicultural. As pessoas surdas fazem parte de um grupo que experiencia a realidade a partir da diferença surda, que pode se estender além da esfera nacional, no nível mundial, ou seja, atravessa fronteiras. As pessoas ouvintes, que nascem no povo ouvinte e adquirem a experiência de ouvintes. Os surdos também fazem parte de uma sociedade nacional, com uma língua de sinais própria e com culturas partilhadas com pessoas ouvintes de seu país. A experiência do contato com o do outro diferente, provoca no sujeito uma mudança de si (PERLIN; QUADROS, 2006; QUADROS; SUTTON-SPENCE, 2006).

Mas, a relação entre surdos e ouvintes ainda é marcada por uma experiência colonial da surdez. O ser surdo sendo o outro do ouvinte, ainda é visto como um ser inferior, anormal e deficiente, que aos poucos sede lugar para um ser surdo que se constitui na diferença surda (PERLIN; QUADROS, 2006).

De acordo com Perlin e Quadros (2006), as representações sobre o ser ouvinte, presente nas narrativas de pessoas surdas, envolve aqueles ouvintes que querem convencer os surdos de que suas experiências ouvintes são fundamentais para os surdos. Nesse movimento, querem trazer o surdo para sua religião, sua música, sua língua e sua oralidade, pois o que é importante, o que representa sucesso e o que se entende por desenvolvimento está diretamente associado a ser ouvinte. Nessa lógica, os surdos devem ser ouvintes.

Os ouvintes indiferentes são aqueles que desconhecem os surdos e, quando envolvidos com surdos, estão por razões não relacionadas com as perspectivas surdas. Aqui estão incluídos aqueles com uma perspectiva clínico-terapêutica e que tem ganhos profissionais com isso. A visão sobre o ser surdo está associada com incapacidade, incompetência e impossibilidade dentro de uma concepção determinista com base na normalidade ouvinte. Há também aqueles ouvintes que fazem tudo pelo surdo, com o objetivo de se promoverem. Abrem espaço para os surdos, mas não incentivam os surdos a pensar, pois continuam sendo o centro, os fazedores de tudo. Como consequência, temos surdos acomodados e ouvintes que se acham superiores aos surdos.

Há aqueles ouvintes que buscam perceber o “eu” do outro, o “eu” dos surdos, que geralmente são poucos e que, também, se constituem de diferentes formas. Por fim, há também aqueles que admitem a alteridade, a diferença de “ser surdo”. Junto a esses, os surdos estão alcançando mais espaços para a produção simbólica da cultura surda e possibilidades maiores para continuar sua legitimação linguístico-cultural como surdos. Esses ouvintes também entram na causa social surda, incentivando-os para uma política da diferença e para a conquista do seu espaço cultural. “As narrativas surdas prosseguem a respeito deles: são

aqueles que nós surdos podemos dizer são dos nossos, têm nossa confiança, nosso respeito” (PERLIN, QUADROS, 2006, p. 182).

Os depoimentos, a partir das entrevistas com os integrantes do grupo de *WhatsApp*, evidenciam a tensão que existe entre esses dois universos culturais e, nesse sentido, observamos uma ideia de proteção. Há uma defesa de que a cultura surda se constitui independente da cultura ouvinte e da língua oral (língua portuguesa). Os ouvintes, por exemplo, são proibidos de ingressarem no grupo. Essa é uma regra que todos os integrantes (entrevistados) compartilham e defendem.

O grupo é composto apenas por surdos, não há ouvintes. Os ouvintes não entendem a nossa sinalização e não conseguem acompanhar os nossos sinais. Entre nós surdos, a comunicação segue fluida e compreensível. Os ouvintes não conseguem captar o significado que está atrelado às nossas falas e acabam atrapalhando o objetivo do grupo porque, a todo instante, ficam questionando o significado de determinados sinais e o motivo do humor. Essas perguntas de maneira repetitiva e insistente enchem muito o saco. Não há quem não fique desanimado com tanta pergunta. Eles não conseguem compreender aquilo que nos interessa e que gera humor entre os surdos. No contato entre surdos, há um nível de proximidade que não existe entre surdos e ouvintes. Entre nós surdos, é tudo mais fácil. A sinalização flui com naturalidade e o humor surge de maneira espontânea. Há mais proximidade entre nós. (Trecho da entrevista do participante D).

(...) os ouvintes não entendem nada do que sinalizamos. Mesmo os ouvintes que sabem a língua de sinais, que são usuários da libras, vão ficar boiando com as gírias. É um universo nosso em que eles não tem acesso. É a nossa língua, com a nossa diferença, com as nossas gírias. Estamos usando a nossa primeira língua. Interagimos e trocamos informações, nos divertimos de maneira intensa. (Trecho da entrevista do participante A).

Conforme mencionado, é proibida a entrada de pessoas ouvintes no grupo. Os depoimentos acima também reforçam que há aspectos da experiência de vida de pessoas surdas que os ouvintes não conseguem acessar. Isso reflete, por exemplo, na incompreensão por parte dos ouvintes, de temas de interesse e humor entre os surdos, bem como dos artefatos culturais que circulam neste grupo em específico.

O processo de criação de sinais gírias também evidencia o sentido de proteção em relação aos empréstimos linguísticos. De acordo com Nascimento (2010), os empréstimos linguísticos da língua portuguesa para a língua brasileira de sinais, geralmente, utilizam o sistema de representação escrita da língua oral para fazer a importação de novas palavras. Neste caso, surgem os sinais soletrados que podem passar por um processo de lexicalização. As configurações de mão da Libras cujas formas remetem à grafia em português escrito

podem também originar sinais inicializados, cuja configuração de mão remete à letra inicial do termo equivalente na língua oral.

A Imagem 24, a seguir, ilustra o sinal FEVEREIRO, um sinal emprestado por transliteração e que foi reduzido para apenas uma configuração de mão. A configuração de mão de FEVEREIRO remete à letra inicial do termo equivalente na língua portuguesa. A Imagem 25, por sua vez, ilustra o sinal JUSTIFICATIVA, um sinal inicializado a partir de um item lexical já existente, distinto pela presença de uma configuração de mão que remete à letra inicial do termo equivalente na língua portuguesa. Neste caso, a configuração de mão remete à letra “J”.



Imagem 24 – **Sinal FEVEREIRO**
Fonte: Imagem elaborada pelo autor.



Imagem 25 – **Sinal JUSTIFICATIVA**
Fonte: Imagem elaborada pelo autor.

Nas gírias utilizadas pelos surdos no grupo, não há empréstimos provenientes da língua portuguesa. Não há uso de transliteração de um termo a partir da ortografia da língua portuguesa e não há neologismos inicializados, ou seja, sinais cuja configuração de mão

equivale a alguma forma do alfabeto manual. Essa precaução em relação à língua portuguesa é uma atitude compartilhada pelos integrantes do grupo, presente nos depoimentos.

Nós usamos muito a iconicidade para criar os sinais. As gírias são convencionadas pelo grupo e são icônicas. O aspecto visual é muito presente. Não há nada de português. Português zero! A nossa capacidade inventiva, a criatividade na criação das gírias vem da língua de sinais, da visualidade. Não tem influência do português. Por exemplo, esses sinais (exemplos de sinais-gírias), você não percebe nenhuma influência da língua portuguesa. Há o uso de metáforas. Se uma pessoa está próxima e a gente não conhece a pessoa, nós passamos a usar gírias para manter a informação só entre a gente. As vezes isso desperta algum interesse, alguma curiosidade. A gente explica o significado do sinal que passa a ser disseminado (trecho da entrevista do participante C).

As gírias são muito importantes. Elas são criadas a partir de um contexto e tem toda uma carga de significado que é compreendida e compartilhada pelo grupo. Essa criação utiliza aspectos das línguas de sinais, a partir do entendimento do grupo. Se formos analisar detalhadamente os parâmetros, há todo um processo de formação. Além disso, esses sinais transmitem humor, um orgulho pra nós. Por isso as gírias são importantes e precisam ser valorizadas porque surge da interação entre os surdos do grupo. Essa criação, por exemplo, não tem nenhuma influência da língua portuguesa. Em nenhum momento nos sentimos pressionados para criar sinais a partir do português. As configurações de mão não são inicializadas. Os empréstimos do português não são necessários. O surdos conseguem criar sinais a partir da visualidade, da própria libras sem ter que recorrer ao português. Inclusive, sugiro que isso seja tema de pesquisa. Podia sair artigos sobre esse tema para ser divulgado. Por isso as gírias tem bastante valor. As gírias precisam ser valorizadas e não desprezadas. (Trecho da entrevista do participante B).

Conforme mencionado, a existência do grupo cria um ambiente de conforto cultural e linguístico, através de uma ação de resistência, numa oposição ao ouvintismo. O grupo também se constitui como uma minoria dentro da diferença surda, pelos assuntos abordados em grupo. Um dos princípios de interação no grupo é que não há policiamento, restrição ou constrangimento no sentido de purismo, em relação aos assuntos e à forma de expressão. Essa forma de expressão se refere tanto ao uso da língua de sinais, em oposição à língua oral, quanto aos sinais gírias dentro da comunidade surda, diretamente relacionados aos assuntos e conteúdos abordados pelos integrantes do grupo¹¹. As gírias utilizadas evidenciam o caráter de sigilo e são associadas a questões identitárias, a marcá-los como uma minoria dentro da comunidade surda.

As gírias são importantes porque permite a interação através de uma forma de sinalizar totalmente diferente. É muito divertido e me deixa muito feliz, de verdade, interagir dessa forma com a libras. Me sinto orgulhoso da minha língua. Você se

¹¹Alguns dos temas recorrentes no grupo envolvem vidência, sexualidade e ouvintismo.

manter apático, sem interagir com outras pessoas não é desejo de ninguém. Isso não é bom. Com a gírias, eu também adquiro conhecimento. A interação com a libras me proporciona isso. A interação através das gírias me proporciona uma sensação de prazer e entretenimento que me deixa muito animado. Por isso, as gírias são importantes. (Trecho da entrevista do participante A).

Em Araguaína eu tinha um grupo de amigos. Nós interagíamos bastante mas não usávamos metáforas, nem gírias. Esse grupo era para troca de informações. Algo simples. Quando me mudei para Palmas, eu conheci o Fulano (Participante D). Até então não o conhecia. Nos tornamos amigos e foi por iniciativa dele, a criação do grupo. A partir daí, o grupo começou a fazer postagens divertidas. Passamos a usar gírias, a fazer provocações, a fazer piadas, humor e isso passou a ser rotina no grupo. Não há formalidades, no grupo. Todos os integrantes são livres no sentido de que não há restrições. Cada um é livre para postar o que quiser. Não há acusação ou qualquer postura restritiva de nenhum membro do grupo. Por isso, somos livres para nos expressar. Isso é ótimo! (trecho da entrevista do participante B).

Os integrantes do grupo tem uma certa intimidade e também tem maturidade para esse nível de interação. Imagine colocar uma pessoa que vai, a todo momento, dizer que o sinal está errado, que os sinais de fulano são ruins, chamar alguém de burro ou algo pejorativo; quebra todo o clima de interação e união que há no grupo. Isso seria agressivo com o grupo e eu não gosto! (trecho da entrevista do participante B).

Dessa forma, os sinais utilizados pelo grupo, em interação oral¹², diante de pessoas ouvintes, se tornam inteligíveis. Isso acontece também diante de outros surdos, não integrantes do grupo. Alguns sinais são considerados código secreto. Ou seja, essa proteção também se manifesta em relação ao grupo, enquanto uma minoria dentro da comunidade surda. Isso é possível através da criação e uso de vocabulário de grupo (PRETTI, 1984; 2000a; 2000b; 2013; MURATA, 2008).

De acordo com Pretti (1984; 2000a; 2000b; 2013), a gíria é uma marca característica de um grupo social. Uma linguagem secreta, que se manifesta como uma forma de auto-afirmação e de oposição à normalização da sociedade. Nesse processo, as gírias também são consideradas instrumentos de luta e reivindicação, funcionando também como um mecanismo de compensação, já que grupos sociais fechados encontram uma maneira de extravasar sua vida marginal.

(...) este é um grupo diferente. A interação acontecem em língua de sinais de maneira divertida, animada. E também assim nos posicionamos para evitar que as pessoas nos acusem ou falem da gente a partir dos assuntos que nós abordamos. As vezes estamos falando de algum acontecimento que pode nos comprometer. Então continuamos a conversar naturalmente, com o uso das gírias de forma que as pessoas não percebam do que estamos conversando. (Trecho da entrevista do participante C).

¹²O termo interação oral se refere à interação presencial em que os interlocutores estão frente a frente. Não se refere ao uso de uma língua oral (modalidade oral-auditiva)

Esse sigilo também é um critério utilizado para a entrada de novos integrantes. Conforme mencionado anteriormente, o grupo não permite a participação de pessoas ouvintes. Mas, entre os surdos, há um controle rigoroso para a entrada de novos participantes. Há requisitos para o ingresso no grupo e regras de participação, que envolvem a garantia de sigilo sobre o conteúdo e os assuntos que circulam no grupo.

O que define o grupo é a liberdade de expressão, sem pudor, sem querer ser certinho ou formal. Somos livres no grupo e nos divertimos bastante. Por isso dá essa impressão de ser algo sigiloso. Mas, não queremos qualquer um entrando no grupo. Primeiro precisamos conhecer a pessoa, ter um certo nível de intimidade e amizade, saber se tem espontaneidade, uma fala direta e autêntica, aí sim, ela pode entrar no grupo. Colocar uma pessoa que a gente não conhece não vai dar certo. É preciso conhecer a pessoa primeiro. A pessoa que vê as gírias e tem contato com o grupo não tem noção daquilo que perpassa pelo grupo, dos nossos acordos e da nossa forma de interação. Os integrantes do grupo já conhecem. (Trecho da entrevista do participante B).

Se um surdo quer entrar, primeiro precisa haver um acordo entre os membros do grupo, se concordam com a entrada de um novo integrante. Essa pessoa precisa respeitar as regras do grupo. No grupo, a gente fica bem à vontade com o tipo de brincadeiras e de zuação entre nós mesmos. Uma pessoa que queira participar, precisa acompanhar nosso ritmo. Não pode ficar parado, sem participar. E nesse ritmo de interação, a partir dos temas que vão surgindo, a gente vai criando novos sinais e utilizando esse vocabulário entre nós. (Trecho de depoimento do participante D)

Não é qualquer surdo que pode entrar no grupo. Nós do grupo precisamos conhecer bem a pessoa, e ter a certeza de que essa pessoa vai garantir sigilo e não vai explalhar os assuntos que circulam no grupo. (Trecho de depoimento do participante D).

Narro um episódio interessante que ilustra o “conflito” entre dois integrantes, como uma forma de explicitar o sigilo como um dos requisitos para a entrada de novos participantes.

O participante D propôs a entrada de a pessoa, um surdo que reside no estado de Mato Grosso. A proposta foi recusada pelo participante C, que foi categórico ao afirmar que o grupo é composto apenas por tocaninenses, numa tentativa de valorizar a identidade local. Num outro momento, o participante C também propôs a entrada de alguém, que agora foi recusado pelo participante D. A justificativa era que, apesar de ser um surdo tocaninense, ele não manteria sigilo das conversas que circulam no grupo.

Quando questionados sobre o não entendimento de outras pessoas sobre essa forma de sinalizar, que envolve o uso de gírias, os entrevistados relataram uma postura diferente

em relação aos surdos e aos ouvintes. Parece que há um tratamento diferente, entre o sigilo para os ouvintes e para os surdos.

No caso dos surdos não há sigilo. É importante a interação entre surdos. No caso são gírias em nossa língua, a Libras. É importante interagir com outros surdos para terem acesso a essa forma de sinalização. (Trecho da entrevista do participante A).

De acordo com esse depoimento, é interesse do grupo que essas gírias, inicialmente gírias de grupo, se tornem gírias comuns e passem a circular amplamente entre os surdos. Mas, parece haver um interesse que essas mesmas gírias continuem sendo sigilosas diante de pessoas ouvintes. Dessa forma, sugerimos que as gírias possuem um status diferente diante de surdos e diante de ouvintes.

Na próxima seção, apresentamos o levantamento e a descrição das gírias, que foram categorizadas em (i) sinais inéditos criados pelo grupo, (ii) sinais com parâmetros modificados, como uma forma de expressar intensidade, (iii) sinais com parâmetros modificados para expressar ironia e (iv) sinais com parâmetros modificados para evidenciar a modalidade gestual-visual.

3.3 – Gírias inéditas do grupo: “Surdos tocantinenses gírias mala”(STGM)



O corpus de análise desta pesquisa, intitulada *Gírias na Língua de Sinais Brasileira: processos de criação e contexto de uso*, é composto por mensagens trocadas em Libras (vídeos) em um grupo de *WhatsApp*. O grupo é composto por cinco participantes surdos, acrescido do pesquisador-participante, também surdo, totalizando seis pessoas.

Num primeiro momento, catalogamos os gírias inéditos usadas pelos participantes durante a troca de mensagens. Os sinais-gírias aqui elencados não estão dicionarizados. Utilizamos como base o dicionário vinculado ao INES, cuja busca dos verbetes é possível através do parâmetros configuração de mão. Esse dicionário é online e está disponível gratuitamente¹³.



Os sinais-gírias, apresentados a seguir, estão descritos de acordo com a Ficha Catalográfica descrita no Capítulo 2.

¹³³Dicionário disponível em <http://www.acessobrasil.org.br/libras/>. Acessado em 24 de setembro de 2019.



Ficha 01

Sinal-gíria	 <p>Sinal-gíria https://youtu.be/nvS0TZFrp-4</p> 
Descrição do sinal	<p>O sinal acima é um sinal lexical, composto, formado por duas sílabas. A primeira unidade possui configuração de mão com o dedo polegar estendido e demais dedos fechados. A mão toca a região lateral do queixo. Neste momento, a cabeça faz um movimento lateral, partindo da posição de repouso para a lateral oposta. Após o movimento, a mão inicia a segunda unidade lexical. A segunda unidade possui configuração de mão com dedo mínimo e polegar estendido, dedo indicador pouco flexionado, em suspensão na altura do ombro ipsolateral. Neste momento, a superfície superior da língua está protusa.</p>
Morfologia	Sinal lexical composto
Definição	<p>O significado deste sinal é ousadia, força e coragem. Prototipicamente é um sinal usado para atribuir tais características a um referente.</p>
Contexto de uso	<p>Sinal usado quando uma pessoa propõe ao grupo (ou a alguém) a execução de alguma ação não convencional, considerada pesada ou, no mínimo, ousada. Mas, a pessoa convidada se recusa a fazer ou demonstra algum receio para executar a ação. Para incentivar a participação, a pessoa que fez o convite usa esse sinal. “Vamos lá, somos fortes! Somos corajosos!”</p> <p>Este sinal se tornou a marca da identidade do grupo. Uma forma do grupo mostrar que é formado por integrantes ousados, destemidos, loucos e corajosos. Mas, esse sinal também é usado de forma reduzida. Para fotografias, por exemplo, enquanto marca de identidade, o grupo utiliza apenas a segunda sílaba do sinal.</p>
Exemplo de enunciado	https://youtu.be/wH9F8-OcN5w
Pesquisador	Cristiano Pimentel Cruz
Validação	Participante C
Data da coleta	2º semestre de 2017


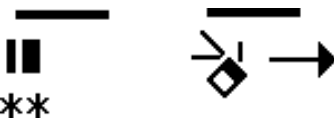
Ficha 02

Sinal-gíria	 <p>Sinal-gíria</p> <p>https://www.youtube.com/watch?v=iLMfQ3vSN3Y&feature=youtu.be</p> 
Descrição do sinal	O sinal acima é um sinal lexical, simples, formado por apenas uma sílaba. Este sinal é bimanual, simétrico, e possui configuração de mão com o dedo médio flexionado, em contato com o polegar, e os demais dedos estendidos. A palma da mão dominante está voltada para medial. A região lateral dos polegares faz contato com a região temporal da cabeça. O dedo médio faz um movimento de extensão, de forma a perder o contato com o polegar. Durante o movimento do indicador, as bochechas estão infladas de ar. O ar é liberado de forma explosiva, de forma a mimetizar uma explosão.
Morfologia	Sinal lexical simples
Definição	O significado deste sinal é intolerância, falta de paciência. Prototipicamente, é um sinal usado como uma interjeição.
Contexto de uso	O sinal é usado quando uma pessoa fala algo de forma repetitiva, ou um assunto que já é de conhecimento de todos. É um sinal também utilizado para descrever o efeito da mente de uma pessoa após o uso de maconha.
Exemplo de enunciado	https://youtu.be/vrP5djfy1OY
Pesquisador	Cristiano Pimentel Cruz
Validação	Participante C
Data da coleta	2º semestre de 2017



Ficha 03

Sinal-gíria	 <p>Sinal-gíria</p> <p>https://youtu.be/NSXtxkdCP3c</p> 
Descrição do sinal	<p>O sinal acima é um sinal lexical, simples, formado por uma sílaba. A mão dominante está em suspensão e possui configuração de mão com os dedos estendidos mas, os dedos mínimo e anelar apresentam uma leve flexão. A palma da mão está voltada para cima. Há um componente não manual evidente: As bochechas do sinalizante estão infladas de ar. O ar é liberado paulatinamente e de maneira intermitente, de forma a mimetizar uma bexiga de ar esvaziando aos poucos.</p>
Morfologia	<p>Sinal lexical simples</p>
Definição	<p>O significado deste sinal é fraqueza, moleza. Prototipicamente é um sinal usado para atribuir tais características a um referente.</p>
Contexto de uso	<p>Quando uma pessoa provoca o seu interlocutor, com brincadeiras pejorativas, o interlocutor pode rebater, dizendo que a provocação está fraca, que não o ofendeu. Ele pode fazer esse sinal como resposta.</p>
Exemplo de enunciado	<p>https://www.youtube.com/watch?v=0ubapON1JDs</p>
Pesquisador	<p>Cristiano Pimentel Cruz</p>
Validação	<p>Participante C</p>
Data da coleta	<p>2º semestre de 2019</p>



Ficha 04

Sinal-gíria	 <p>Sinal-gíria</p> <p>https://youtu.be/mK9cQ-uTeiE</p>  <p>**</p>
Descrição do sinal	<p>O sinal acima é um sinal lexical, composto, formado por duas sílabas. A primeira unidade possui configuração de mão com todos os dedos fletidos, ou seja, a mão está fechada. A palma da mão está voltada para baixo. A mão, fechada, realiza dois toques na região contralateral do peito. Após esse movimento, a mão dominante adota outra configuração de mão. Os dedos polegar, indicador e médio ficam estendidos, enquanto os dedos anelar e mínimo continuam fletidos. A palma da mão esta voltada para trás. Neste momento, a mão dominante em contato com a região contralateral do peito, faz um movimento em diagonal, deslizando sobre o tórax sem perder o contato, e finaliza o movimento em uma região mais abaixo do peito, ipsolateral.</p>
Morfologia	<p>Sinal lexical simples</p>
Definição	<p>O significado deste sinal é amizade, paz e tranquilidade. Prototipicamente é um sinal usado para atribuir tais características a um referente.</p>
Contexto de uso	<p>Este sinal é utilizado para caracterizar uma pessoa como amiga; afirmar que duas pessoas estão em paz.</p>
Exemplo de enunciado	<p>https://youtu.be/Terpf9w2IVA</p>
Pesquisador	<p>Cristiano Pimentel Cruz</p>
Validação	<p>Participante C</p>
Data da coleta	<p>2º semestre de 2018</p>




Ficha 05

Sinal-gíria	 <p>Sinal-gíria</p> <p>https://youtu.be/iLMfQ3vSN3Y</p> 
Descrição do sinal	<p>O sinal acima é um sinal lexical, formado por apenas um sílaba. Este sinal é bimanual, simétrico, e possui configuração de mão com os dedos indicador e polegar estendidos e os demais fletidos. A palma da mão está voltada para medial. As mãos fazem um movimento simultâneo a simular o movimento de uma arma de grande calibre, ao atirar; um movimento abrupto para traz e para frente. A disposição da face assume uma configuração de forma a simular o barulho de uma arma disparando.</p>
Morfologia	<p>Sinal lexical simples.</p>
Definição	<p>O significado deste sinal é solteiro. Ele remete a uma comemoração, dando tiros de armas para o alto.</p>
Contexto de uso	<p>Este sinal é usado quando uma pessoa está em uma festa e quer dizer que está solteiro.</p>
Exemplo de enunciado	<p>https://youtu.be/XXlRVgBJaEQ</p>
Pesquisador	<p>Cristiano Pimentel Cruz</p>
Validação	<p>Participante C</p>
Data da coleta	<p>2º semestre de 2018</p>



Ficha 06

Sinal-gíria	 <p>Sinal-gíria</p> <p>https://youtu.be/mK9cQ-uTeiE</p> 
Descrição do sinal	<p>O sinal acima é um sinal lexical, simples, formado por três sílabas. É utilizado como saudação e despedida. A primeira unidade lexical é formada com dos dedos indicador e médio estendidos e unidos, enquanto os demais dedos estão flexionados. A mão está posicionada à frente do rosto, com a palma da mão também voltada para o rosto. A segunda sílaba unidade lexical possui configuração de mão com todos os dedos fletidos, ou seja, a mão está fechada. A palma da mão está voltada para baixo. A mão, fechada, realiza dois toques na região contralateral do peito. Após esse movimento, a mão dominante adota uma terceira configuração de mão. Os indicador e médio ficam estendidos e afastados, enquanto os demais dedos continuam fletidos. Neste momento, a mão, em contato com a região contralateral do peito, faz um movimento em diagonal, deslizando sobre o peito sem perder o contato, e finaliza o movimento em uma região mais abaixo do peito, ipsilateral.</p>
Morfologia	<p>Sinal lexical simples</p>
Definição	<p>O significado deste sinal é saudação e despedida.</p>
Contexto de uso	<p>Este sinal é usado no início de um vídeo, como uma de saudação. Ele também é usado no final de um vídeo, como uma despedida.</p>
Exemplo de enunciado	<p>https://youtu.be/yDM0IrzgD4k</p>
Pesquisador	<p>Cristiano Pimentel Cruz</p>
Validação	<p>Participante C</p>
Data da coleta	<p>2º semestre de 2018</p>



Ficha 07

Sinal-gíria	 <p>Sinal-gíria</p> <p>https://youtu.be/AmSRhe2XjiE</p> <p>   </p>
Descrição do sinal	O sinal é lexical, simples formado por uma sílaba. A mão dominante está em suspensão e possui configuração de mão com os dedos flexionados, ou seja, a mão está fechada. A palma da mão está voltada para cima. O dedo indicador é estendido de forma rápida e abrupta. Simultâneo a esse movimento, há um componente não manual evidente: a língua se torna proeminente. O movimento remete à introdução do dedo no ânus.
Morfologia	Sinal lexical simples.
Definição	O significado deste sinal é perder. Prototipicamente é um sinal usado como um verbo, para designar alguém que perdeu ou vacilou.
Contexto de uso	Um dos integrantes faz um convite para determinada atividade, mas um dos convidados não pode participar porque já tem um outro compromisso. A pessoa que fez o convite pode realizar esse sinal, no sentido de que o outro perderá a programação.
Exemplo de enunciado	https://youtu.be/yssgylTTtDY
Pesquisador	Cristiano Pimentel Cruz
Validação	Participante C
Data da coleta	2º semestre de 2018


Ficha 08

Sinal-gíria	 <p>Sinal-gíria</p> <p>https://youtu.be/b5OfMMpsqU4</p> 
Descrição do sinal	<p>O sinal acima é um sinal lexical, formado por duas sílabas. A primeira unidade é bimanual, simétrica, em que as duas mãos estão em suspensão, articuladas com a configuração de mão em B, ou seja, polegar fletido sobre a palma da mão enquanto os demais dedos estão estendidos e aduzidos. A palma da mão está voltada para baixo, mas ligeiramente inclinada para lateral. Há um movimento simultâneo de afastamento das mãos, através de um deslocamento para lateral. A segunda unidade lexical é bimanual, em que ambas as mãos estão em garra, fazendo contato com as bochechas, segurando-as. Há um componente não manual, em que a face configura-se com um sorriso exagerado.</p>
Morfologia	<p>Sinal lexical simples.</p>
Significado	<p>O significado deste sinal é maldade. Prototipicamente é um sinal usado para atribuir tal característica a um referente.</p>
Contexto de uso	<p>O sinal atribui o significado pejorativo a um referente, como uma pessoa má, sem futuro. Mas, pode ser empregado para se referir a uma pessoa ousada, destemida e que é capaz de fazer tudo.</p>
Exemplo de enunciado	<p>https://youtu.be/dCLmyY-CbOc</p>
Pesquisador	<p>Cristiano</p>
Validação	<p>Participante C</p>
Data da coleta	<p>2º semestre de 2019</p>



Ficha 9

Sinal-gíria	 <p>Sinal-gíria</p> <p>https://youtu.be/W_ItZh1dt3c</p> 
Descrição do sinal	O sinal acima é um sinal lexical simples, formado por uma sílaba e monomanual. A mão está configurada com o numeral três, ou seja, os dedos indicador, médio e anular estão estendidos, palma da mão voltada para trás e a extremidade do dedo anelar toca a região lateral da testa. Há um componente não manual. Os olhos estão direcionados para cima e para o lado, e há uma protrusão da língua.
Morfologia	Sinal lexical simples
Significado	O significado deste sinal é ser desprovido de inteligência. Prototipicamente é um sinal para atribuir tais características a um referente. Este sinal também é usado como uma interjeição.
Contexto de uso	Durante a interação entre interlocutores, quando um não entende o que o outro está expondo, este sinal pode ser usado para se referir ao sujeito que não compreende o enunciado. É um sinal pejorativo que se refere a alguém desprovido de inteligência. Quando utilizado como interjeição, este sinal significa uma ironia, no sentido de desprestigiar o enunciado proferido.
Exemplo de enunciado	https://youtu.be/fDIUwV8vfC8
Pesquisador	Cristiano
Validação	Participante C
Data da coleta	2º semestre de 2019



Ficha 10

Sinal-gíria	 <p>Sinal-gíria</p> <p>https://youtu.be/OHvGAn-EmIQ</p> <p>@@ ☐</p>
Descrição do sinal	<p>O sinal acima é um sinal lexical, simples, formado por apenas uma sílaba. Os dedos estão quase estendidos, nas articulações interfalangeadas e fletidos na articulação metacarpofalangeana. A ponta dos dedos estão unidos e em contato. Há um movimento de esfregar, entre a região palmar da extremidade do polegar e a região palmar dos demais dedos.</p>
Morfologia	<p>Sinal lexical simples</p>
Significado	<p>O significado deste sinal, enquanto verbo, é combinar ou pedir. Enquanto nome, é maconha, ou ainda, dinheiro.</p>
Contexto de uso	<p>Com o significado de combinar, este sinal pode ser usado para a ação de marcar um evento entre os interlocutores, ou ainda, para solicitar algo a alguém.</p> <p>Este sinal pode ser usado para se referir a dinheiro, como pedir dinheiro emprestado, ou ainda, pedir maconha.</p>
Exemplo de enunciado	<p>https://youtu.be/szlmTg0nM8k</p>
Pesquisador	<p>Cristiano</p>
Validação	<p>Participante C</p>
Data da coleta	<p>2º semestre de 2019</p>



Ficha 11

Sinal-gíria	 <p>Sinal-gíria</p> <p>https://youtu.be/7rKpK6CnkWg</p> 
Descrição do sinal	<p>O sinal acima é um sinal lexical, simples, bimanual, simétrico e formado por uma sílaba. As mãos estão abertas, dedos estendidos e abduzidos, com a palma da mão voltada para lateral. O polegar de uma das mãos está próxima à região dos lábios do sinalizante, enquanto o polegar da outra mão faz contato com a extremidade do dedo mínimo da primeira mão. Há um componente não manual: a língua está protrusa.</p>
Morfologia	<p>Sinal lexical simples</p>
Significado	<p>O significado deste sinal é fofocar. Prototipicamente é um sinal usado como um verbo, para designar alguém que faz fofoca.</p>
Contexto de uso	<p>É um sinal pejorativo, para se referir a uma pessoa que faz muita fofoca.</p>
Exemplo de enunciado	<p>https://youtu.be/VlJrLsDWWaw</p>
Pesquisador	<p>Cristiano</p>
Validação	<p>Participante C</p>
Data da coleta	<p>2º semestre de 2019</p>

Ficha 12

Sinal-gíria	 <p>Sinal-gíria</p> <p>https://youtu.be/LO8DmvO7znQ</p> 
Descrição do sinal	O sinal acima é um sinal semi-lexical, que representa o estado de um participante. As mãos estão abertas, com dedos abduzidos e relaxados, palma das mãos voltadas para trás e ponta dos dedos direcionados para baixo. O sinalizante mimetiza o estado de ser bobo, retardado. A partir das mãos configuradas dessa maneira, o sinalizante faz movimentos de abdução e adução de ombros. Há um componente não manual: a língua está protrusão.
Morfologia	Sinal semi-lexical, representação de estado, numa espécie de mimese corporal.
Significado	O significado deste sinal é ser bobo. Prototipicamente é um sinal usado para atribuir tais características a um referente. Este sinal é uma representação de estado, como numa encenação.
Contexto de uso	O sinal é usado para se referir a uma pessoa de raciocínio lento, abobalhado, de maneira pejorativa.
Exemplo de enunciado	https://youtu.be/rAnCylIFT88
Pesquisador	Cristiano
Validação	Participante C
Data da coleta	2º semestre de 2019

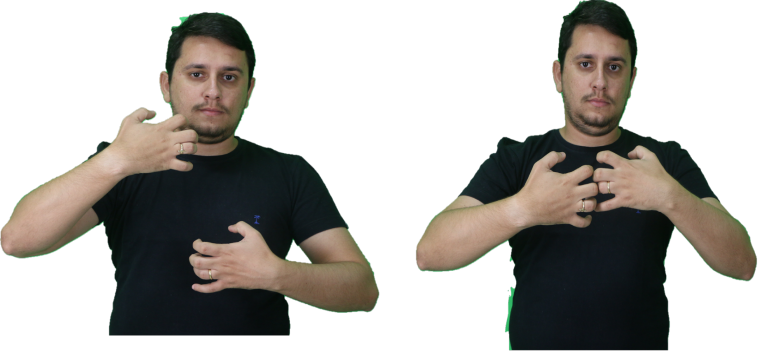

Ficha 13

Sinal-gíria	 <p>Sinal-gíria</p> <p>https://youtu.be/zJn-cgyztFU</p> 
Descrição do sinal	<p>O sinal acima é um sinal lexical, simples, bimanual, simétrico e formado por um sílaba. As mãos estão abertas, com os dedos estendidos, com a palma voltada para baixo. As extremidades dos dedos estão voltadas para medial. Há um movimento simultâneo das mãos, com deslocamento para posterior, tocando de maneira repetida no tórax.</p>
Morfologia	<p>Sinal lexical simples</p>
Significado	<p>O significado deste sinal é transar. Prototipicamente é um sinal verbo que se refere a fazer sexo.</p>
Contexto de uso	<p>O sinal é usado para designar a ação de fazer sexo.</p>
Exemplo de enunciado	<p>https://youtu.be/OULNRVAF-jk</p>
Pesquisador	<p>Cristiano</p>
Validação	<p>Participante C</p>
Data da coleta	<p>2º semestre de 2019</p>



3.4 – Gíria por alteração de parâmetros para expressar intensidade

Nesta seção, apresentamos os sinais-gírias usados pelos participantes, durante a troca mensagens, em que há alteração de unidade sublexical para efeito de intensidade. Os três sinais-gírias, aqui apresentados, através dessa estratégia de criação de sinais, apresentam alteração do parâmetro Configuração de Mãos. Os sinais dicionarizados que serviram de base para criação de gírias, a partir de alteração da configuração de mãos, foram SEXO, MMADEIRA e MATURIDADE.



Ficha 14

Sinal-gíria	 <p>Sinal-gíria</p> <p>https://youtu.be/GUUvh7m5gTY</p> 
Descrição do sinal	O sinal acima é um sinal lexical, simples, bimanual, com movimento alternado formador por uma sílaba. As mãos estão em garra, com a palma da mão voltada para trás. Há um movimento alterando para cima e para baixo e um contato descontínuo de esfregar entre a região lateral do dedo mínimo de uma das mãos com a região lateral do dedo indicador da outra mão. O sinal que originou esta gíria é SEXO, a partir da alteração de configuração de mão.
Morfologia	Sinal lexical simples
Significado	O significado deste sinal é sexo forte e intenso.
Contexto de uso	Esse sinal pode ser usado para se referir tanto a ação de fazer sexo, quanto ao substantivo sexo, mas, sempre de maneira intensa e violenta.
Exemplo de enunciado	https://youtu.be/dOXS-garjWM
Pesquisador	Cristiano
Validação	Participante C
Data da coleta	2º semestre de 2019

Ficha 15

Sinal-gíria	 <p>Sinal-gíria</p> <p>https://youtu.be/1HjTzm5MvC0</p> 
Descrição do sinal	O sinal é lexical, simples monomaneal, formado por apenas uma sílaba. Possui configuração de mão com todos os dedos estendidos. A palma da mão dominante está voltada para lateral, de forma que o dedo mínimo toca a boca. A boca movimenta-se a mimetizar a ação de sugar uma mamadeira. O sinal que originou esta gíria é MAMADEIRA, a partir da alteração da configuração de mão.
Morfologia	Sinal lexical simples
Definição	O significado deste sinal é iniciante, fraco, inocente. Se refere a uma pessoa que não conhece as atividades do grupo. Prototipicamente é um sinal usado para atribuir tais características a um referente
Contexto de uso	Este sinal pode ser usado para se referir a uma pessoa que é recém chegada no grupo <i>WhatsApp</i> “SurDOS mala tocanTInenses gíria”
Exemplo de enunciado	https://youtu.be/-E80sre4aTo
Pesquisador	Cristiano Pimentel Cruz
Validação	Participante C
Data da coleta	1º semestre de 2018



Ficha 16

Sinal-gíria	 <p>Sinal-gíria</p> <p>https://youtu.be/_AOJWIHKvpw</p> 
Descrição do sinal	O sinal lexical, simples monomanual, formado por apenas uma sílaba. A mão está configurada no numeral quatro, com a palma da mão voltada para trás. A extremidade do dedo mínimo toca, repetidas vezes, a região temporal da testa. Há um componente não manual: protrusão da língua. O sinal que originou esta gíria é MATURIDADE, a partir da alteração da configuração.
Morfologia	Sinal lexical simples
Significado	O significado deste sinal é pouca maturidade ou sem maturidade.
Contexto de uso	Este sinal é usado para se referir a uma pessoa que tem pouca maturidade ou sem maturidade, de acordo com os critérios estabelecidos pelo grupo.
Exemplo de enunciado	https://youtu.be/1527mfOHXow
Pesquisador	Cristiano
Validação	Participante C
Data da coleta	2º semestre de 2019

3.5 – Gíria por alteração de parâmetro para expressar ironia

Nesta seção, apresentamos o sinal-gíria usado pelos participantes durante, a troca de mensagens, em que há uma alteração de unidade sublexical, especificamente a orientação da palma, para expressar ironia. O sinal que surgiu de base para a criação de gíria, a partir da alteração da orientação da palma, foi o sinal LEGAL.



Ficha 17

Sinal-gíria	 <p>Sinal-gíria</p> <p>https://youtu.be/U_rLjkJn8EU</p> 
Descrição do sinal	O sinal é lexical, simples, formado por uma sílaba e monomanual. A mão está configurada no numeral 4, com a palma da mão voltada para trás, o dedo mínimo faz contato de roçar com a bochecha, através de um movimento posterior da mão. O sinal que originou esta gíria é LEGAL, a partir da alteração da orientação da palma.
Morfologia	Sinal lexical simples
Significado	O significado deste sinal é legal, mas de maneira irônica. Prototipicamente é um sinal usado para atribuir tais características a um referente, de maneira irônica. É usado também como uma interjeição.
Contexto de uso	Este sinal é usado para se referir a uma pessoa ou situação, de maneira irônica.
Exemplo de enunciado	https://youtu.be/ztmYyRA0R5I
Pesquisador	Cristiano
Validação	Participante C
Data da coleta	2º semestre de 2019



3.6 – Gíria por alteração de parâmetro para evidenciar a modalidade gestual-visual

Neste momento, apresentamos os sinais-gírias usados pelas participantes durante a troca de mensagens, em que há uma alteração nas unidades sublexicais, especificamente do ponto de articulação, para apagar qualquer menção à boca e aos ouvidos, de maneira a evidenciar a modalidade gestual-visual. Os sinais que serviram de base para a criação de gírias, a partir da alteração do ponto de articulação, foram os sinais EXEMPLO e FALAR.

Ficha 18

Sinal-gíria	 <p>Sinal-gíria</p> <p>https://youtu.be/4_BEX4RD8bA</p> 
Descrição do sinal	O sinal é lexical, simples, formado por uma sílaba, e bimanual assimétrico. A mão não dominante está aberta, dedos estendidos e abduzidos e serve como ponto de articulação. A mão dominante está configurada com os dedos polegar e mínimo estendidos. Há um contato do polegar da mão dominante a região dorsal da mão não dominante. Há um movimento repetido de esfregar, na região de contato. O sinal que originou esta gíria é EXEMPLO, a partir da alteração do ponto de articulação.
Morfologia	Sinal lexical simples
Significado	O significado deste sinal é exemplo. Prototipicamente é um sinal nome.
Contexto de uso	Este sinal é usado para explicitar e detalhar alguma informação. É usado para introduzir uma explicação no discurso. Prototipicamente, o sinal EXEMPLO é realizado com o contato no queixo do sinalizante, próximo à boca. Essa modificação do ponto de articulação tem o objetivo de evidenciar a modalidade das línguas de sinais, cujos articuladores principais são as mãos.
Exemplo de enunciado	https://youtu.be/rj7_Ao-Qgy0
Pesquisador	Cristiano
Validação	Participante C
Data da coleta	2º semestre de 2019

Ficha 19

Sinal-gíria	 <p>Sinal-gíria</p> <p>https://youtu.be/_Y5hDDZaA44</p> 
Descrição do sinal	<p>O sinal é lexical, simples, formado por uma sílaba e bimanual assimétrico. A mão não dominante está aberta, dedos estendidos e abduzidos, e serve como ponto de articulação. A mão dominante está com os dedos indicador, médio e polegar estendidos, ou melhor, configurada em “P”. A mão dominante está posicionada à frente da mão não dominante, porém sem contato. Há um movimento repetido circular, no plano sagital. O sinal que originou esta gíria é FALAR, a partir da alteração do ponto de articulação.</p>
Morfologia	<p>Sinal lexical simples</p>
Significado	<p>O significado deste sinal é falar. Prototipicamente é um sinal usado como um verbo.</p>
Contexto de uso	<p>Essa modificação do ponto de articulação tem o objetivo de evidenciar a modalidade das línguas de sinais, cujos articuladores principais são as mãos.</p>
Exemplo de enunciado	<p>https://youtu.be/Pr-xTzfO0XE</p>
Pesquisador	<p>Cristiano</p>
Validação	<p>Participante C</p>
Data da coleta	<p>2º semestre de 2019</p>

3.7 - Processo de criação de gírias

As línguas de sinais são sistemas legítimos de comunicação, interação e envolvimento com o mundo. Enquanto línguas naturais, atendem às necessidades simbólicas de suas comunidades de fala e estão presentes em todas atividades do comportamento humano.

Nesta seção, discutimos as estratégias de criação dos sinais-gírias, considerando os sinais inéditos e os sinais em que há alteração de parâmetros de sinais lexicais da Libras.

- Sinais semi-lexicais

De acordo com Lyons (1987), as línguas dispõem de estratégias de ampliação lexical das mais diversas. Nesse processo, há especificidades referente às línguas de modalidade gestual-visual. Sobre isso, Johnston e Schembri (1999) reconhecem a ação gestual como uma fonte importante de enriquecimento léxico-gramatical nas línguas de sinais e apresentam critérios que distinguem o momento em que tais performances se tornam lexemas¹⁴, passando por construções semi-lexicalizadas.

Os sinais semi-lexicais são tradicionalmente conhecidos na literatura como verbos descritivos nas línguas de sinais (LIDDELL, 2003), ou ainda, como sinais classificadores. Os verbos descritivos, nas línguas de sinais, recebem esse nome porque, além do significado que eles codificam, tais verbos descreverem certos aspectos da concepção que os falantes possuem em relação ao evento codificado.

Essas estruturas são consideradas semi-lexicalizadas, por apresentarem um forte componente gestual, em que os componentes sublexicais possuem forte carga semântica. Por conta da semi-lexicalidade, tais construções precisam ter seu significado atribuído por outros sinais, ou pelo contexto, e são altamente produtivas nas línguas de sinais. Grosso modo, essas estruturas descrevem (i) formas geométricas, (ii) manipulação de objetos e (iii) movimento

¹⁴ De acordo com Johnston e Schembri (1999), um lexema nas línguas de sinais é definido como um sinal que possui uma forma de citação claramente identificável, replicável e regularmente associada a um significado que, por sua vez, é imprevisível e/ou um pouco mais específico do que os sinais que apresentam uma semântica componencial. Os lexemas também apresentam restrições fonológicas e atendem a critérios de boa formação dos parâmetros.

e localização de referentes (JOHNSTON; SCHEMBRI, 1999, 2006, ZESHAN, 2003a, 2003b).

A partir de situações que demandam o uso de gestos de maneira contínua, há uma mudança na complexidade de representação pictória (altamente icônico). Em um processo diacrônico, essas representações se tornam mais simplificadas e sistematizadas, pelo resultado de economia da ação, mesmo mantendo algumas características originais (ZESHAN, 2003b). Nesse sentido, a ação gestual é considerada uma fonte importante para a ampliação lexical nas línguas de sinais. Novamente, as construções semi-lexicais em línguas de sinais exibem um forte caráter gestual e tendem à lexicalização (JOHNSTON; SCHEMBRI, 1999, ZESHAN, 2003a, 2003b).

De acordo com Zeshan (2003b), nos sinais lexicais, os parâmetros são vistos apenas como fonemas e a forma do sinal se torna fixa e menos idiossincrática. Mudanças na manifestação do sinal não alteram o significado. Neste caso, a variação é considerada alofônica. O sinal REUNIÃO em Libras, por exemplo, pode ser articulado com a configuração de mão em “R” ou com a configuração de mão em “1”. A variação neste parâmetro não acarreta em alteração no significado.

Em uma perspectiva semântica, o significado dos sinais lexicais se distancia de uma leitura literal, apesar de poder ser reconstruída em certas condições. A semântica composicional é perdida e o sinal deixa de ser analisado a partir de seus componentes. O significado do sinal lexical é relativamente independente do contexto e os parâmetros como um todo formam o significado. Do ponto de vista sintático, os sinais podem funcionar como predicados ou argumentos. Isso faz com que nomes e verbos possuam a mesma forma fonológica, cuja função é definida pela posição sintática.

Na criação de sinais-gírias inéditos, sugerimos a lexicalização de estruturas semi-lexicais. Em construções que remetem a: (i) formas geométricas, as mãos podem assumir uma vastidão de possibilidades, a partir de propriedades físicas do referente. As mãos podem se movimentar ou permanecer no espaço de sinalização para representar um esboço visual do referente, ou ainda, representar o referente em si (LIDDELL, 2003, ZESHAN, 2003b).

O sinal-gíria, a seguir, cujo significado é maldade, é oriundo dessa construção icônica que remete a um esboço visual do referente. Este sinal, especificamente, remete à imagem visual do personagem principal do filme *Coringa* (PHILLIPS, 2019), também ilustrado a seguir.



Imagem 26 – Sinal-Gíria oriundo de descrição da imagem visual do referente

Fonte: dados da pesquisa



Imagem 27 – Imagem visual do personagem principal do filme Coringa

Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=coringa+2019&tbm=isch&ved=2ahUKEwj4qPeylKfoAhUCCrkGHQhLB3kQ2-cCegQIABAA&oq=coringa+2019&gs_l=img.3..0l10.12549.14366..15593...0.0..0.254.203.0.0j11j1.....0....1..gws-wiz-img.....0i67.ojgnJOojfKE&ei=ybhzXrigE4KU5OUPiJadyAc&bih=821&biw=1440>

Acessado em 19 de março de 2019.

Considerando ainda as estruturas semi-lexicais, na criação de sinais-gírias inéditas, sugerimos também a lexicalização de ações a partir da (ii) manipulação de objetos. Neste caso, a configuração de mão está de acordo com o tipo de objeto manipulado, cujo movimento simula seu uso no mundo real. Claramente, há uma relação entre o objeto manipulado e a configuração de mão envolvida. Segundo Zeshan (2003b), a escolha da configuração de mão, nessas construções, seria improvisada. Ou seja, qualquer configuração que uma pessoa use para a ação (no mundo real) pode ser usada para descrever a situação correspondente.

Em uma perspectiva mais ampla, considerando o corpo do sinalizante como um todo, Liddell (2003) descreve essas construções a partir do Espaço Sub-rogado, em que o sinalizante mimetiza as ações de um referente. Felipe (2006) parece nomear esse fenômeno de processo mimético. Nas palavras da autora,

Este processo de formação de palavra, altamente produtivo, permite uma economia, já que expressões faciais e corporais podem complementar os itens lexicais estabelecendo contextos discursivos uma vez que essas se estruturam a partir das convenções da língua. O processo mimético transforma a mímica em uma forma linguística que representa iconicamente o referente a partir dos parâmetros de configuração sónica e da sintaxe da língua. Na verdade, não se faz a mímica simplesmente, esta é incorporada pela língua e se estrutura a partir dos parâmetros de cada língua de sinais, como as onomatopéias nas línguas oral-auditivas. (FELIPE, 2006, p. 206).

O sinal-gíria, ilustrado na Imagem 28, a seguir, cujo significado é transar, é lexicalização a partir da construção mimética em que o sinalizante incorpora um personagem e simula a concepção da ação no mundo real. Neste caso, o sinal remete ao sinalizante fazendo sexo em pé, com uma parceira em posição quadrúpede.



Imagem 28 – Sinal-Gíria oriundo da mimese da ação de um referente

Fonte: dados da pesquisa

O sinal-gíria, ilustrado na Imagem 29, cujo significado é perder, ilustra a lexicalização da ação de introduzir o dedo indicador no ânus de uma pessoa.



Imagem 29 – Sinal-Gíria oriundo da mimese da ação de um referente

Fonte: dados da pesquisa

O sinal gíria, ilustrado na Imagem 30, a seguir, cujo significado é solteiro, ilustra a lexicalização da ação de ativar com o uso de uma arma.



Imagem 30 – Sinal-Gíria oriundo da ação de um referente

Fonte: dados da pesquisa

Carneiro e Oliveira (2017) estabelecem que a incorporação de referentes, como parte do Espaço Sub-rogado, também permite a concepção do estado dos referentes, durante a codificação de ações na Libras. A mimese do estado do referente também é uma estratégia para a criação de sinais-gírias, na análise de nosso corpus. A Imagem 31, a seguir, ilustra uma gíria a partir desse processo, cujo significado é ser bobo.



Imagem 31 – Sinal-Gíria oriundo da mimese do estado de um referente

Fonte: dados da pesquisa

Uma outra possibilidade de lexicalização são as construções semi-lexicais de (iii) movimento e localização as quais remetem iconicamente à concepção dos falantes sobre a posição e movimento de referentes no mundo. Neste caso, as mãos (configuração de mãos) são posicionadas dentro de uma concepção mapeada no espaço físico imediato. Os demais parâmetros (a localização, movimento e orientação das mãos) seriam aspectos gradientes (LIDDELL, 2003, ZESHAN, 2003b). Nos dados analisados, não há sinais-gírias provenientes dessa estratégia.

- Sinais lexicais simples e trissilábicos

Sobre a estrutura silábica em sinais lexicais na Libras, Aguiar (2013) estabelece que (i) o Ataque corresponde à configuração de mãos, abrangendo o formato das mãos e a orientação da palma; (ii) o Núcleo abrange o parâmetro ponto de articulação e (iii) a Coda, o parâmetro o movimento. Nas línguas orais, a sílaba é norteadada pelo pico silábico, cujo elemento mais sonoro constituir o núcleo da sílaba. Nas línguas de sinais, o elemento mais visual seria o ponto de articulação (núcleo), porque está presente em todos os sinais.

Ainda segundo o autor, a Coda tem uma relação mais próxima com o Núcleo do que com o Ataque. Por isso, na Libras, a Coda corresponde ao movimento, visto que esse parâmetro depende da configuração de mão se posicionar em um ponto de articulação. Além disso, nas estruturas silábicas das línguas orais, há mais sílabas com Ataque preenchido e Coda vazia do que o contrário. Em Libras temos muito mais sinais com Configuração de

Mãos e sem Movimento, do que sinais sem Configuração de Mãos e com Movimento. Portanto, a Configuração de Mãos se mostra como um elemento de mais força que o Movimento, caracterizando a Configuração de Mão como Ataque e o Movimento como Coda. Dessa maneira, a hierarquia de força da sílaba em Libras fica: Ponto de Articulação > Configuração de Mão > Movimento. A Imagem, a seguir, ilustra um sinal monossilábico na Libras, em que o ponto de articulação (espaço neutro) representa o Núcleo, a Configuração de mão (mãos abertas, com dedos estendidos e palmas voltadas para medial) representa o Ataque, e o movimento (circular, simétrico e alternado) representa a Coda.



Imagem 32 – Sinal LÍNGUA DE SINAIS

Fonte: Exame Prolibras, ano 2006. Disponível em
<<http://dados.coperve.ufsc.br/prolibras/2006/provasegabaritos.html>>. Acessado em 26 de março de 2020.

Partindo da organização silábica da Libras, proposto com Aguiar (2013), nos sinais-gírias analisados, encontramos um sinal formado por três sílabas. A Imagem 33, a seguir, ilustra um sinal trissilábico, utilizado como saudação e despedida.



Imagem 33 – Sinal-Gíria lexical, com três sílabas

Fonte: dados da pesquisa

- Processo de Composição

De acordo com Felipe (2006), um dos processos de formação de palavras na Libras é a composição, cujo processo utiliza itens lexicais (morfemas livres) que se justapõem ou se aglutinam para formarem um novo item lexical. Na Libras esse processo pode se realizar através da (i) justaposição de dois itens lexicais, ou seja, dois sinais que formam um terceiro item, (ii) justaposição de um classificador (sinal semi-lexical) com um item lexical, e (iii) justaposição da datilologia da palavra, em português, com item lexical. A Imagem 34, a seguir, ilustra os processos de composição apresentados pela autora, respectivamente.



ESCOLA (CASA + ESTUDAR)



COMPUTADOR (COMPUTADOR sinal + COMPUTADOR classificador)



AGULHA (AGULA + A-G-U-L-H-A)

Imagem 34 – Processos de composição

Fonte: Felipe (2006) – Imagem elaborada pelo autor

Nos sinais-gírias analisados, encontramos o processo de composição que envolve a justaposição de uma unidade lexical da Libras (uma unidade lexical dicionarizada) com uma unidade semi-lexical que descreve uma forma geométrica. Especificamente, neste caso, a

configuração de mão da segunda unidade lexical da composição, representa um referente em si, como um todo.

A Imagem 35, a seguir, ilustra esse sinal. A primeira unidade lexical é o sinal CARA-DE-PAU, enquanto que a segunda unidade lexical é uma unidade semi-lexical, cuja configuração de mão representa a imagem de um diabrete, com chifres e rabo (Imagem 36).



Imagem 35 –Sinal-Gíria oriundo da composição

Fonte: dados da pesquisa



Imagem 36 – Unidade semi-lexical de forma geométrica

Fonte:

https://www.google.com.br/search?q=diabo+com+chifres+e+rabo+desenho&tbm=isch&ved=2ahUKEwiK16vAs6foAhVdA7kGHZvmCj8Q2-cCegQIABAA&oq=diabo+com+chifres+e+rabo+desenho&gs_l=img.3...169087.171299..171546...3.0..0.229.1773.0j9j2.....0....1..gws-wiz-img.BvWIT70w2Kc&ei=ZtlzXoqM0d2G5OUPm82r-AM&bih=821&biw=1440#imgsrc=e8IGpiFEGQJEIM. Acesso em 19 de março de 2020.

Nas unidades lexicais que formam os sinais compostos, pode haver uma redução fonológico no processo de composição. Sinais com repetição de movimento, quando formam um sinal composto, perdem um movimento de repetição (QUADROS; KARNOPP, 2004). O sinal CARA-DE-PAU na Libras é formado com repetição do movimento, em que a

configuração de mão toca na região lateral do queixo por duas vezes. Essa unidade, quando forma a composição no sinal-gíria, há apenas um movimento. A imagem 37, a seguir, ilustra o sinal CARA-DE-PAU.



Imagem 37 – CARA-DE-PAU

Fonte: dados da pesquisa

- Alteração de parâmetros

De acordo com Faria-Nascimento (2013), na Libras, a mudança de um dos parâmetros, pode acrescentar um novo significado ao sinal. Neste caso, o parâmetro pode ser visto como um morfema, ou ainda, como uma unidade fonomorfológica.

Ainda segundo a autora, um parâmetro, grande parte das vezes, além do traço distintivo, traz em si um significado que é acrescido à unidade lexical à qual adiciona. Mais uma vez, isso nos leva a caracterizar os parâmetros como unidades fonomorfológica em vez de unidades apenas fonológicas ou apenas morfológicas.

Nos sinais-gírias analisados, observamos alteração da configuração de mão para indicar intensidade. O sinal SEXO, (Imagem 38), é realizado com a configuração de mão em “X”, em que apenas o sinal indicador está em garra, enquanto os demais dedos estão fletidos (fechados). O sinal-gíria que significa sexo intenso, ilustrado a seguir (Imagem 39), é derivado de SEXO. Neste caso, todos os dedos estão em garra, demonstrando intensidade na prática sexual.



Imagem 38- Sinal SEXO

Fonte: dados da pesquisa



Imagem 39 –Sinal-Gíria oriundo da alteração de configuração de mão.

Fonte: dados da pesquisa

O sinal-gíria que significa imaturidade, ilustrado a seguir, é derivado do sinal MAMADEIRA (Imagem 40). Este sinal, é realizado com a configuração de mão em que apenas o polegar está estendido. Os demais dedos estão fletidos (fechados). A extremidade do dedo polegar toca na região da boca, que realiza (mimetiza) um movimento de sucção. O sinal gírias derivado de MAMADEIRA (Imagem 41), é realizado com o dedo mínimo localizado na região da boca, construindo a ideia de que o dedo mínimo infere menor maturidade do referente.



Imagem 40- Sinal MAMAR

Fonte: dados da pesquisa



Imagem 41 – Sinal-Gíria oriundo da alteração de configuração de mão.

Fonte: dados da pesquisa

Outro sinal-gíria que também significa imaturidade, ilustrado a seguir, é derivado do sinal MATURIDADE (Imagem 42). Este sinal na Libras, é realizado com a configuração de mão cinco, em que todos os dedos estão estendidos. A extremidade do dedo médio toca a região lateral da têmpora, por duas vezes . O sinal gíria derivado de MATURIDADE, Imagem 43, é realizado com a extremidade do dedo mínimo tocando a mesma região da cabeça, construindo a ideia de que o dedo mínimo infere em menos maturidade do referente.



Imagem 42- Sinal MADURO

Fonte: dados da pesquisa



Imagem 43 – Sinal-Gíria oriundo da alteração de configuração de mão.

Fonte: dados da pesquisa

Nos sinais-gírias analisados, observamos alteração da orientação da palma para indicar ironia. O sinal LEGAL em Libras (Imagem 44), é realizado com a configuração de mão em quatro, palma da mão voltada para frente, com um movimento de roçar da lateral do dedo indicador na região com a bochecha, de maneira repetida. O sinal-gíria que indica uma ironia (Imagem 45), relacionado ao conceito de legal, é realizado com a mesma configuração de mão, mesmo movimento e mesmo ponto de articulação, porém com a palma da mão voltada para trás. Essa mudança na orientação da palma indica ironia.



Imagem 44- Sinal LEGAL

Fonte: dados da pesquisa



Imagem 45 – Sinal-Gíria oriundo da alteração de orientação da palma.

Fonte: dados da pesquisa

Por fim, nos sinais-gírias analisados, observamos alteração do ponto de articulação de sinais para evidenciar a modalidade gestual-visual das línguas de sinais. Os sinais FALAR (Imagem 46) e EXEMPLO (Imagem 47), na Libras, são realizados na região da boca. Há dois sinais-gírias que são derivados destes, cujo ponto de articulação é modificado da boca para a mão não dominante. A intenção dos usuários é apagar qualquer menção à boca, ou seja, à modalidade oral auditiva, de maneira a evidenciar a modalidade gestual-visual. As imagens 48 e 49, ilustram os sinais-gírias derivados de FALAR e de EXEMPLO, respectivamente.



Imagem 46- Sinal FALAR
Fonte: dados da pesquisa



Imagem 47- Sinal EXEMPLO
Fonte: dados da pesquisa



Imagem 48 – Sinal-Gíria oriundo da alteração do ponto de articulação.
Fonte: dados da pesquisa



Imagem 49 – Sinal-Gíria oriundo da alteração do ponto de articulação.

Fonte: dados da pesquisa

Neste capítulo, apresentamos a análise das entrevistas com os participantes do grupo, bem como uma descrição das dezenove gírias de grupo levantadas na pesquisa vimos, mostra que os integrantes do grupo apresentam um perfil de contato tardio com a Libras e apresentam um histórico de barreiras de comunicação, dentro de casa. O grupo surge como uma possibilidade de interação a partir da diferença surda, como um local de conforto cultural e linguístico, que contrapõe às experiências negativas frente ao ouvintismo. No grupo, a troca de informações acontecem em Libras e não há participação de ouvintes.

Neste contexto, as gírias emergem com o objetivo de proporcionar entretenimento, resistência, numa oposição às experiências negativas frente à sociedade majoritária e sigilo. As gírias foram categorizadas em: (i) sinais inéditos, (ii) sinais com parâmetros modificados (configuração de mão) para expressar intensidade, (iii) sinais com parâmetros modificados (orientação da palma) para indicar ironia e (iv) sinais com parâmetros modificados (ponto de articulação) para evidenciar a modalidade gestual-visual das línguas de sinais.

Os processos de formação das gírias envolvem a lexicalização de ações gestuais, originando sinais icônicos, e a alteração de unidades sub-lexicais, caracterizando os parâmetros como fonomorfemas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, intitulada “Gírias na língua de sinais brasileira: processo de criação e contextos de uso”, é um estudo qualitativo, de cunho etnográfico, que faz um levantamento de gírias de grupo e descreve, seus contextos de uso e o processo de criação destes sinais. Para isso, realizamos um trabalho de campo, através de observação-participante e entrevistas individuais com os membros do grupo. Especificamente, nesta pesquisa, analisamos a troca de vídeos em libras na rede social de interação via *WhatsApp*.

Os critérios para a identificação das gírias envolvem o caráter de vocabulário de grupo, destes sinais, que abrange o caráter sigiloso, de proteção e o fato de não serem dicionarizados. Para suporte nesta empreitada, baseamo-nos no dicionário do trilingue da Libras (CAPOVILLA ET AL, 2009) e no dicionário do INES.

Os objetivos da pesquisa são (i) descrever as gírias que emergem neste grupo social e (ii) analisar a motivação e as situações em que as gírias são usadas, na conversação entre os pares.

A interação deste grupo de surdos, via redes sociais, evidencia a busca por espaços onde os surdos possam produzir artefatos culturais vitais. Este espaço, em específico, permite a emergência de um território de resistências, alicerçados na diferença surda e na língua de sinais. A emergência e o uso de gírias de grupo, evidencia relações sutis de poder, entre surdos e ouvintes, e de luta pelo direito de ser surdo em sua diferença. O processo de criação de sinais gírias também evidencia o sentido de proteção em relação ao ouvintismo e à língua oral (língua portuguesa).

A pesquisa também sugere que há uma tensão entre o universo cultural surdo e o universo cultural ouvinte. Os surdos do grupo defendem que a cultura surda, com suas respectivas experiências, se constitui independente da cultura ouvinte e da língua oral (língua portuguesa). Pessoas ouvintes, por exemplo, são proibidos de ingressarem no grupo. Essa é uma regra que todos os integrantes (entrevistados) compartilham e defendem. Os sinais-gírias também são criados a partir de regras morfológicas da Libras, sem empréstimos da língua portuguesa.

As gírias se caracterizam como vocabulário de grupo, pois funcionam como um mecanismo em que o grupo social expressa sua revolta em relação ao ouvintismo, violência e sexualidade, através de humor, de ironia e de agressividade. Há também uma noção de sigilo e proteção diante de, mostrando que a experiência de ser surdo também é múltipla em

suas experiências.

Uma ficha catalográfica foi elaborada, para a descrição e apresentação dos sinais gírias, a partir de obras lexicográficas envolvendo a libras. A ficha catalográfica envolve: (i) apresentação do sinal, com foto, link de acesso ao vídeo e escrita de sinais, (ii) descrição do sinal, (iii) significado, (iv) contexto de uso, (v) exemplo de enunciado, com link de acesso ao vídeo, (vi) o pesquisador e o (vii) participante que fez a validação.

Os dezenove sinais-gírias analisados, foram categorizados em (i) sinais inéditos, criados pelo grupo de maneira criativa, (ii) sinais oriundos de alteração da configuração de mão, para um efeito de intensidade, (iii) sinais oriundos de alteração de orientação da palma, para efeito de ironia, e (iv) sinais oriundos de alteração do ponto de articulação, para evidenciar a modalidade gestual-visual.

O processo de criação dos sinais gírias, no caso dos sinais inéditos, envolvem a lexicalização de ações gestuais que, em geral, perpassa o uso sistemático de estruturas semi-lexicais, originando sinal altamente icônicos. Neste caso, observamos a lexicalização de estruturas semi-lexicais relacionadas à manipulação de objetos, mimese de ações (considerando o corpo do sinalizante como um todo), mimese do estado do referente, e de descrição geométrica. As gírias também foram criadas por composição, através da justaposição de um sinal lexical com um sinal semi-lexical.

Outro processo de criação dos sinais gírias envolvem a alteração de unidades sub-lexicais. Neste caso, os parâmetros são vistos como fonomorfemas. A alteração da configuração de mão está relacionada ao efeito de intensidade, a orientação da palma está relacionada à ironia e a alteração do ponto de articulação está relacionada à estratégia de evidenciar a modalidade gestual-visual das línguas de sinais.

Este trabalho contribui para elucidar as relações entre língua, cultura e identidades surdas, nas línguas de sinais, principalmente manifestas no léxico. A Libras, enquanto língua natural, apresenta diferentes níveis de registro e evidencia aspectos socioculturais dos surdos e da comunidade surda.

Ressaltamos a necessidade de registro de gírias em Libras, oriundas das comunidades surdas brasileiras, para a implementação de políticas linguísticas envolvendo as línguas de sinais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Thiago Cardoso. **Nova proposta de sílaba em Libras**. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística)- Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**: o que é como se faz. 56ª edição. São Paulo: Loyola, 2017.

BAGNO, Marcos. Norma linguística e preconceito social: questões de terminologia. **Veredas**. V. 5, n. 2, p. 71-83. 2003.

BRASIL. Decreto nº 5626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília- DF, 22 de dezembro de 2005.

BRASIL. Lei nº 10436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília- DF, 24 de abril de 2002.

CAMPOS, Débora Wanderley; STUMPF, Marianne Rossi. Cultura Surda: um patrimônio em contínua evolução. In: PERLIN, Gladis; STUMPF, Marianne. (Org). **Um olhar sobre nós surdos**. Leituras contemporâneas. Curitiba: Editora CRV, 2012, p. 178-185.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURÍCIO, A. C. L. **Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas**, Volume 1 e 2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Inep: Cnpq: Capes, 2009.

CARNEIRO, Bruno Goncalves; OLIVEIRA, Christiane Cunha de. O evento e o estado dos participantes na língua brasileira de sinais. **Revista Via Litterae**. Anápolis, v. 9, n. 1; p. 41-58. Jan./jun. 2017.

CIDADE de Deus. Direção de Fernando Meirelles. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2002. 1 DVD (130 min.)

CORINGA. Direção de Todd Phillips. Nova Iorque: Village Roadshow Pictures; DC Films; Sikelia Productions; Joint Effort Productions; Green Hat Films, 2019. (122min.)

DURANTI, Alessandro. **Linguistic Anthropology**. New York: Cambridge University Press, 1997.

FARIA-NASCIMENTO, S. P. A organização dos morfemas livres e presos em LSB: reflexões preliminares. In: QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R.; LEITE, T. A. **Estudos da língua brasileira de sinais I**. Florianópolis: Editora Insular, 2013. p. 79-113.

FRYDRYCH, Laura Amaral Kümmel. **O estatuto linguístico das línguas de sinais: a libras sob a ótica saussuriana**. 2013. 92 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

GESSER, Audrei. **LIBRAS?: Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola, 2009.

FEDELI, Laura. **Slang terms in Italian Sign Language (LIS): a sociolinguistic perspective**. 2015. 125 f. Tese. Curso di Laurea Magistrale in Scienze del Linguaggio, Università Ca'Foscari Venezia, 2015.

JOHNSTON, Trevor; SCHEMBRI, Adam. On defining lexeme in a signed language. **Sign Language & Linguistics**, [s.l.], v. 7, n. 1, p.115-185, 1999.

KENDON, A. **Gesture: visible action as utterance**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

LEITE, Tarcísio de Arantes; QUADROS, Ronice Muller de. Línguas de sinais do Brasil: reflexões sobre o seu estatuto de risco e a importância da documentação. In: STUMPF, Marianne; QUADROS, Ronice Muller de; LEITE, Tarcísio de Arantes. **Estudos da Língua Brasileira de Sinais II**. Florianópolis: Insular, 2014. Cap. 1. p. 15-28.

LIDDELL, Scott. **Grammar, gesture and meaning in american sign language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LYNOS, John. **Linguagem e linguística**. Rio de Janeiro: LTC- Livro Tecnicos e Cientificos Editora S.A, 1981.

LIMA, Cristina Maria Garcia de; DUPAS, Giselle; OLIVEIRA, Irma de; KAKEHASHI, Seiko. Pesquisa etnográfica: iniciando sua compreensão. **Revista latino-americana de enfermagem**, v. 4, n. 1, 1996, p. 21-30.

MARTINS, Francielle Cantarelli; STUMPF, Marianne Rossi; MARTINS, Antonielle Cantarelli. Reflexões sobre componentes e organização de entradas de obras lexicográficas e terminológicas da Libras. **Revista Espaço**, n. 49, jan-jun, 2018.

MURATA, Elza Kioko Nakayama Nenoki. Gíria: vocabulário de identificação e autodefesa. **Revista Temática.**, 2008. Disponível em www.insite.pro/2016/16.pdf. Acesso em 05 de maio de 2019.

NASCIMENTO, Cristiane Batista do. **Empréstimo linguístico do português na Língua de Sinais Brasileira - LSB: línguas em contato**. 2010. 111 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística)-Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

NASCIMENTO, Sandra Patrícia de Faria do. **A organização dos morfemas livres e presos em LSB: reflexões preliminares**. QUADROS, Ronice; STUMPF, Marianne; LEITE, Tarcísio. (Orgs.). **Estudos da língua Brasileira de Sinais I**. Florianópolis: Editora Insular, 2013.

NARO, Anthony Julius. **O Dinamismo das Línguas**. In: MOLLICA, Maria; BRAGA, Maria. (Orgs.). **Introdução à linguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Editora contexto, 4ª ed 5ª reimpressão, 2019.

OLIVEIRA, Janine Soares; STUMPF, Marianne Rossi. Desenvolvimento de glossário de

Sinais Acadêmicos em ambiente virtual de aprendizagem do curso Letras-Libras. **Informática na Educação: teoria e prática**. Porto Alegre, v. 16, n.2. 2013, p.217-228.

PERLIN, Gladis T. T. **O ser e o estar sendo surdos: alteridade, diferença e identidade**. 2003. 156 f. Tese (Doutorado em Educação) – Curso de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

PERLIN, Gladis. Identidades Surdas. In: SKLIAR, Carlos. (Org). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005. p. 51-74.

PERLIN, Gladis. Cultura e educação bilíngue no pulsar das Identidades surdas contemporâneas. In: ADREIS-WITKOSKI, Sílvia; FILIETAZ, Marta Rejane Proença (Orgs). **Educação de surdos em debate**. Curitiba: Editora da UTFPR, 2014. p. 223-232.

PERLIN, Gladis; QUADROS, Ronice Muller. Ouvinte: o outro do ser surdo. In: QUADROS, Ronice Muller (Org). **Estudos Surdos I: Série de pesquisas**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006. p. 166-185.

QUADROS, Ronice Muller; KARNOPP, Lodernir Becher. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Muller; SUTTON-SPENCE, Rachel. Ouvinte: o outro do ser surdo. QUADROS, Ronice Muller. (Org.). **Estudos Surdos I: Série de pesquisas**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006. p. 110-165.

PRETI, Dino. **Sociolinguística: Os Níveis de Fala: Um Estudo Sociolinguístico do Diálogo da Literatura Brasileira**. 9ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003

PRETI, Dino. **A gíria e outros temas**. São Paulo. Edusp. 1984

PRETI, Dino. Transformações do fenômeno sociolinguístico da gíria. **Revista da Anpoll**, n.9, p. 213-226, jul./dez., 2000a.

PRETI, Dino. Dicionário de Gíria. **Alfa**, n. 44, p. 57-73, 2000b.

PRETI, Dino. O léxico na Linguagem Popular: A gíria. **Revista Matrizes**, 2013.

RECTOR, Mônica. **A Linguagem da juventude: uma pesquisa geo-sociolinguística**. Petrópolis: Vozes, 1975.

SILVA, Isaack Saymon Alves Feitosa. **Gíria em Língua de Sinais Brasileira (LSB): Processo e Interpretação**. 2015. 170 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

SILVA, Vilmar. Educação de surdos: uma releitura da primeira escola Pública para surdos em Paris e do Congresso de Milão em 1880. In: QUADROS, Ronice Muller de. (Org). **Estudos Surdos I. Série de pesquisas**. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2006. p. 15-37.

SOFIATO, Cássia Geciauskas; REILY, Lucia Helena. “Companheiros de infortúnio”: a educação de “surdos-mudos” e o repetidor Flausino da Gama. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 48, 2011.

STUMPF, Marianne; OLIVEIRA, Janine Soares de; MIRANDA, Ramon Dutra. Glossário Letras Libras. A trajetória dos sinalários no curso: como os sinais passam a existir? In: QUADROS, Ronice Muller. (Org.) **Letras Libras ontem, hoje e amanhã**. Florianópolis: Editora da UFSC. 2015.

STROBEL, K. L. **Surdos: vestígios culturais não registrados na história**. 2008. 176f. Tese (Doutorado em Educação) – Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

XAVIER, André Nogueira. A Expressão de Intensidade em Libras. **Revista Intercâmbio**, v. 1, n. 25, 2017.

ZESHAN, Ulrike. Towards a notion of 'word' in sign languages. In: DIXON, Ronald F.; AIKHENVALD, Alexandra Y. **Word: A cross-linguistic typology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003a. Cap. 6. p. 153-179.

ZESHAN, Ulrike. 'Classificatory constructions in Indo-Pakistani sign language: Grammaticalization and lexicalization processes. In: EMMOREY, Karen. (Ed.). **Perspectives on classifier constructions in sign languages**. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2003b. Cap. 6. p. 113-141.

ZESHAN, Ulrike. Sign Languages. In: DRYER, Mattheus; HASPELMATH, Martin (Eds.). **The World Atlas of Language Structures Online**. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013. Disponível em: <http://wals.info/chapter/s9>. Acessado em 05 de agosto de 2019.

APÊNDICE A

Entrevista com os participantes do grupo.

- 1- Você nasceu surdo? Por que você ficou surdo?
- 2- Você foi oralizado quando era criança? Se sim, até que idade?
- 3- Você usava gestos para se comunicar antes de aprender a Libras?
- 4- Com que idade você aprendeu a Libras?
- 5- Quem ensinou Libras para você? (amigo? Família?)
- 6- Você já se conhecia os outros surdos do grupo antes? Já eram amigos antes?
Quantos anos já se conhecem?
- 7- Por que você criou o grupo de WhatsApp de gírias?
- 8- Por que o grupo só pode participar vocês 4? Por que outras pessoas não podem entrar no grupo?
- 9- Como começaram as gírias no grupo?
- 10- Você acha que as gírias que vocês usam no grupo têm valor e importância?
- 11- As gírias do grupo têm influência da Libras, é uma convenção ou são icônicas?
Qual sua opinião?
- 12- Com as gírias do grupo, você sente orgulho, prazer e usa a língua com felicidade?
- 13- Como começou a convenção dos sinais, vocês discutiram o sinal ou foi de forma natural?
- 14- Como é a relação entre os surdos dentro do grupo?
- 15- Na sua opinião, quem usa mais gírias no grupo? Por quê?
- 16- Na sua opinião, quem cria mais gírias no grupo? Por quê?
- 17- Quem você acha que é o líder do grupo? Por quê?

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: Gírias na língua de sinais brasileira: processo de criação e contextos de uso

Por meio deste Termo, venho convidá-lo para participar de minha pesquisa, que tem como título: **Gírias na língua de sinais brasileira: processo de criação e contextos de uso**. Esta pesquisa está vinculado a um projeto maior, intitulado Libras e Educação de surdos em uma perspectiva bilíngue e decolonial. Este sub-projeto tem por objetivo fazer um levantamento e descrever gírias, a partir de dados da língua em uso, sob minha responsabilidade, pesquisador Cristiano Pimentel Cruz, docente do Curso de Letras Libras e acadêmico do Mestrado em Letras da Universidade Federal do Tocantins.

Sua participação acontecerá na cessão de vídeos em libras, trocados em conversas via WhatsApp, para o levantamento e análise e autorização para o uso de imagens. Ressalto que os vídeos atenderão apenas as demandas desta pesquisa e que não serão utilizados para outros fins. Caso esses procedimentos possam gerar algum tipo de constrangimento, você tem o direito de recusar a participar. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas será preservado a confidencialidade e o sigilo dos dados dos participantes, apesar do uso das imagens.

A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarreta qualquer penalidade ou perda de benefícios. Após consentir a participação, se você vier a desistir de participar, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo.

Para obtenção de qualquer tipo de informação sobre os seus dados, esclarecimentos, ou críticas, ou solicitar assistência, em qualquer fase do estudo, poderá entrar em contato com o pesquisador Cristiano Pimentel Cruz, na Coordenação do Curso de Letras Libras, da Universidade Federal do Tocantins, ou no endereço 404 norte avenida NS 2 N 02 Bloco E apartamento 204, residencial Recanto das Artes– CEP: 77006454 –e-mail Cristiano.pimentel@uft.edu.br, ou ainda pelo telefone (63) 999311462.

Este documento é emitido em duas vias, as quais serão assinadas, por mim e por você participante, ficando uma via com cada um de nós. Esse termo também poderá ser respondido em vídeo na língua brasileira de sinais. Você receberá uma cópia do seu consentimento.

Eu, _____, fui informado (a) sobre os procedimentos da pesquisa e entendi a explicação. Por isso, concordo em participar da pesquisa, cedendo vídeos de WhatsApp por mim gravados e autorizo o uso de minha imagem.

Data: ____/____/____.

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura do pesquisador responsável

